



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A percepção do cuidado com a saúde de travestis e mulheres transexuais  
vivenciando a prostituição na cidade de Manaus/AM: análise compreensiva dos  
discursos**

**HELLEN YUKI COSTA MIWA**

**MANAUS-AM**

**2019**

**HELLEN YUKI COSTA MIWA**

**A percepção do cuidado com a saúde de travestis e mulheres transexuais  
vivenciando a prostituição na cidade de Manaus/AM: análise compreensiva dos  
discursos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

**MANAUS-AM**

**2019**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M685p	<p>Miwa, Hellen Yuki Costa</p> <p>A percepção do cuidado com a saúde de travestis e mulheres transexuais vivenciando a prostituição na cidade de Manaus/AM: análise compreensiva dos discursos / Hellen Yuki Costa Miwa. 2019</p> <p>90 f.: 31 cm.</p> <p>Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Travesti. 2. Mulher Transexual. 3. Profissionais do Sexo. 4. Cuidado. 5. Fenomenologia. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

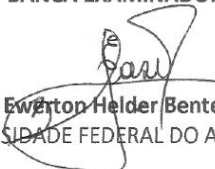
HELLEN YUKI COSTA MIWA

**“A percepção do cuidado com a saúde de travestis e mulheres transexuais vivenciando a prostituição na cidade de Manaus/AM: análise compreensiva dos discursos.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na **Linha de Processos psicológicos e saúde.**

*Aprovado em 23 de agosto de 2019.*

**BANCA EXAMINADORA**

  
**Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Cristina Resende**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

  
**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosemara Staub de Barros**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Dedico este trabalho às protagonista da pesquisa:  
Virgo, Pyxis, Cassiopéia, Hydra e Andrômeda.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me ter permitido chegar até aqui.

Agradeço à minha família por ser minha base e ter me proporcionado experiências que me definem quem eu sou hoje.

Agradeço ao meu amado marido Denys. Palavras não serão suficientes para expressar minha gratidão por todo apoio e companheirismo. Sempre me incentivando a ir além quando eu mesma acho que não consigo mais. Finalizar esse mestrado não seria possível sem você ao meu lado. Te amo!

Agradeço às minhas amigas, em especial Priscilla e Rebeca, por me aguentarem ouvir reclamar e possibilitar espaços de risos e leveza. Vocês são maravilhosas!

Agradeço ao meu orientador Ewerton por estar comigo nessa jornada desde a graduação.

Agradeço aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelos ensinamentos, especialmente a professora Cláudia que me fez ter mais dúvidas que certezas quando penso na complexidade da construção do pensamento científico em Psicologia. Suas aulas são uma preciosidade!

Agradeço aos servidores da Faculdade de Psicologia pelo auxílio e colaboração, em particular o Felipe que sempre estava pronto para dar um abraço amigo de aconchego.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas por financiar esta pesquisa.

Um agradecimento especial a Virgo, Pyxis, Cassiopéia, Hydra e Andrômeda, participantes desta pesquisa, por me possibilitarem ser-com elas e darem voz a este trabalho. Obrigada!

*“Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro”*

*Emicida, Majur e Pablllo Vittar*



## RESUMO

Travestis e mulheres transexuais sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas da sociedade por subverterem os padrões de papéis de gênero. Quando estas estão no contexto da prostituição, o debate não se mantém central nas discussões, principalmente na esfera das políticas públicas. Desse modo, a presente pesquisa mostra-se relevante nessa temática devido a exiguidade de referencial teórico e a lacuna de conhecimento no cenário da região norte do Brasil. Portanto, buscou-se compreender a percepção do cuidado em saúde de travestis e mulheres transexuais vivenciando a trabalho sexual na cidade de Manaus (AM). Foi conduzida uma análise com o suporte do método fenomenológico de pesquisa, sendo entrevistadas três travestis e duas mulheres trans profissionais do sexo. Apresentou-se uma questão disparadora para iniciar as entrevistas: Fale como você cuida da sua saúde sendo travesti (ou mulher trans) profissional do sexo. As gravações tiveram a média de 50 minutos de duração e todas foram transcritas integralmente. A análise compreensiva contou com o aporte teórico de Martin Heidegger e sua fenomenologia existencial e foram encontradas quatro categorias temáticas. A primeira, “Sou quem sou, sou o que sinto, sou eu mesma”, trata das experiências das participantes sobre como se identificam em relação ao gênero e as diferenças do que entendem sobre a transexualidade e travestilidade. A segunda categoria, “No trabalho que executo, preconceito, violência e insalubridade: as faces de uma vivência”, versa sobre as experiências de preconceito, violência e a dimensão dos locais onde desenvolvem seu trabalho. “Um olhar sobre as instituições: saúde e segurança pública” é a terceira categoria que se refere à concepção das participantes no que concerne aos sistemas de saúde e de segurança pública. E a última categoria, “O ser-com-o-outro: as relações de cuidado”, aborda as experiências e as perspectivas a respeito do olhar da família, além da compreensão que elas têm sobre o cuidado durante o trabalho de atividade sexual. Conclui-se, dessa forma, que esta pesquisa contribui na compreensão do cuidado através do poder-ser dessa população para além de uma mera categoria identitária, bem como sua vivência de mundo no contexto da prostituição. Foi possível ampliar o entendimento sobre quais fatores pertencentes aos seus mundos de relações dificultam ou facilitam suas aberturas enquanto mulheres trans/travestis profissionais do sexo.

**Palavras-chave:** Travesti. Mulher Transexual. Profissionais do Sexo. Cuidado. Fenomenologia.

## ABSTRACT

Travesti and transsexual women suffer constant violence, being stigmatized and marginalized from society by subverting the patterns of gender roles. When these are in the context of prostitution, the debate does not remain central to the discussions, especially in the sphere of public policy. Thus, the present research is relevant in this theme due to the lack of theoretical reference and the knowledge gap in the scenario of northern Brazil. Therefore, we sought to understand the perception of the care of transvestites and transsexual women experiencing sex work in the city of Manaus (AM). An analysis was conducted with the support of the phenomenological method of research, interviewing three transvestites and two transsexual women. A triggering question was presented to start the interviews: Tell me about how you take care of your health by being a travesti (or trans woman) sex worker. The recordings had an average of 50 minutes length and all were fully transcribed. The comprehensive analysis had Martin Heidegger's theoretical support and his existential phenomenology, and four thematic categories were found. The first, "I am who I am, I am what I feel, I am myself," deals with participants' experiences on how they identify with gender and the differences in their understanding of transsexuality and travestility. The second category, "In the work I do, prejudice, violence and insalubrity: the faces of an experience", deals with the experiences of prejudice, violence and the dimension of the places where they develop their work. "A look at the institutions: health and public safety" is the third category that refers to the participants' conception of health and public safety systems. The last category, "Being-with-the-Other: Care Relationships", addresses the experiences and perspectives regarding the family's gaze, as well as their understanding of care during sexual activity work. Thus, this research contributed to the understanding of care through the possibility of being of this population beyond a mere identity category, as well as their world experience in the context of prostitution. It was possible to broaden the understanding of which factors belonging to their relational worlds make it difficult or easy for them to open as travesti and transsexual sex workers women.

**Keywords:** Transvestility. Transsexual woman. Sex workers. Care. Phenomenology.

## **LISTA DE SIGLAS**

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ASSOTRAM - Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado do Amazonas

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CID - Classificação Internacional de Doenças

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTI - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

OMS - Organização Mundial da Saúde

PEP - Profilaxia Pós-Exposição

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1 REVISÃO DE LITERATURA .....	18
1.1 Situando a população transgênero: conquistas, obstáculos e desafios .....	18
1.2 Prostituição .....	22
1.3 Temáticas que se atravessam: transgeneridade e prostituição .....	25
2 MARCO TEÓRICO .....	29
2.1 A Fenomenologia e a Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger .....	29
3 PERCURSO METODOLÓGICO .....	37
3.1 Delineamento da Pesquisa .....	37
3.2 Procedimentos .....	38
3.2.1 Local da pesquisa .....	38
3.2.2 Participantes .....	39
I. Virgo .....	39
II. Pyxis .....	40
III. Cassiopéia .....	40
IV. Hydra .....	41
V. Andrômeda .....	42
3.2.3 Obtenção das entrevistas .....	43
3.3 Momentos de Análise .....	43
3.4 Considerações Éticas .....	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	47
4.1 Sou quem sou, sou o que sinto, sou eu mesma .....	48
4.2 No trabalho que executo, preconceito, violência e insalubridade: as faces de uma vivência .....	51
4.2.1 Preconceito .....	51
4.2.2 Violência .....	53
4.2.3 Condições de trabalho .....	54
4.3 Um olhar sobre as instituições: saúde e segurança pública .....	58
4.3.1 Percepção sobre as instituições de saúde .....	58
4.3.2 Percepção sobre a segurança pública .....	61
4.4 O ser-com-o-outro: as relações de cuidado .....	63
4.4.1 Família, um olhar para dentro: o apoio fundamental e o não-apoio....	64
4.4.2 O autocuidado: minha vida, minha responsabilidade .....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71

REFERÊNCIAS .....	73
ANEXOS .....	81
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	82
ANEXO II – Parecer Consubstanciado do CEP .....	83

## INTRODUÇÃO

Durante a graduação em psicologia e, posteriormente, na atuação profissional, as temáticas relacionadas a populações em vulnerabilidade atravessavam meu caminho. Trabalhar com adolescentes em conflito com a lei, crianças com câncer e policiais civis na perspectiva da saúde do trabalhador instigava-me a cada vez mais conhecer saberes e práticas científicas de transformação dos espaços de atuação em que me encontrava, pensar as populações em situação de vulnerabilidade em seus aspectos de saúde, bem como desenvolver uma psicologia promotora de autonomia.

Assim, dentre as várias abordagens apresentadas durante a graduação, houve uma identificação maior com a Fenomenologia, especialmente pelo seu caráter de procurar desvelar o fenômeno, saindo de uma posição natural classificatória e positivista, buscando compreender os sentidos construídos em diferentes mundos sociais, momentos históricos e relações intra e interpessoais tão próprias do ser humano.

Ingressar no mestrado na área da Psicologia da saúde propiciou-me iniciar a formação em docência e continuar na pesquisa científica. No entanto, que fenômeno investigar? Escolhi a temática de gênero por dois motivos. O primeiro, de maneira mais extensa, se dá por este tema estar sendo amplamente discutido nos últimos anos em vários espaços da sociedade. Muitos são os que falam a respeito, mas poucos procuram realmente compreendê-lo além dos estereótipos construídos culturalmente.

O segundo motivo decorre de uma situação particular. Por ter uma travesti na família, percebo o sofrimento pelo qual ela passa: o preconceito, a segregação, os xingamentos e, acentuado por sua mãe ser religiosa, as várias “tentativas de cura” as quais ela se submete para estar no convívio da família e parentes. Além disso, tem dificuldades em conseguir um emprego, recorrendo à prostituição como fonte de renda.

Desse modo, durante as aulas do mestrado e a partir delas – especialmente a disciplina “Psicologia: Saúde e Sociedade” –, vários questionamentos surgiam sobre a população de mulheres transexuais e travestis profissionais do sexo: Como acontece a produção de cuidado quando estão trabalhando? Quais as implicações

nas relações sociais, interpessoais e afetivas? Quais os significados atribuídos a tais vivências?

No contexto mais amplo, o debate sobre os direitos da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos (LGBTI) está em crescimento nos últimos anos. O processo de conquistas desses direitos é marcado por coragem, muitas lutas e resistências, pois a dificuldade e exclusão ao acesso a direitos básicos, tais como saúde e educação, afetam diretamente a qualidade de vida dessa população (SAMPAIO; GERMANO, 2017).

Como exemplo das vitórias da comunidade LGBTI podemos citar o reconhecimento da união homoafetiva pelo Superior Tribunal Federal (BRASIL, 2011), e com isso os efeitos jurídicos decorrentes de tal deliberação, dentre eles o direito à herança e inclusão de dependentes em planos de saúde.

No que tange a área de saúde, o Governo Federal lançou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais por meio do Ministério da Saúde em 2013. Esta política tem por objetivo promover a saúde integral da referida comunidade, eliminando a discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuir para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS através dos seus princípios: universalidade, integralidade e equidade (BRASIL, 2013).

No entanto, dentro desse contexto, apesar do vasto campo de pesquisa existente na comunidade LGBTI, mas ainda se percebendo a necessidade de maiores pesquisas científicas sobre esses grupos, especialmente trabalhos que ouçam e envolvam os próprios sujeitos na construção de conhecimentos acerca de suas vivências, esta pesquisa focará na população transgênero, mais especificamente como público-alvo as travestis e mulheres transexuais.

Isto posto, alinhada ao referencial teórico da Fenomenologia o qual possui como um dos pressupostos fundamentais a descrição e compreensão a partir da linguagem, bem como acrescer à produção científica voltada para os estudos de identidade de gênero e suas relações com a Psicologia da Saúde, propus como objetivo de pesquisa compreender a percepção do cuidado de travestis e mulheres transexuais na vivência da prostituição na cidade de Manaus.

Desse modo, o texto da dissertação é composto pela Revisão Bibliográfica que situa a população transgênero, abordando suas conquistas, obstáculos e desafios; apresenta ainda a atividade do trabalho sexual e como as duas temáticas – transgeneridade e prostituição – se atravessam.

Por conseguinte, discorro sobre o marco teórico de Martin Heidegger e sua fenomenologia existencial. Apresento, em seguida, o percurso metodológico contendo a descrição do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia de Amedeo Giorgi por considerar o mais adequado ao que propus realizar.

Por fim, a análise e discussão dos dados feita a partir da perspectiva teórica de Martin Heidegger pelo fato deste autor considerar o ser humano enquanto um ser-em-relação, a partir das quais se constitui como ser-no-mundo em contínuo devir, independente das situações que ocorrem em seu cotidiano; ou seja, o ser humano como possibilidade, como um vir-a-ser até sua finitude.



*“No chão de pista, apareço de salto  
Frenetic, feito tigresa braga  
Meto na cara maquiagem brega  
Canto de galo à luz da madrugada”*

*As Bahias e a Cozinha Mineira*

## 1 REVISÃO DE LITERATURA

### 1.1 Situando a população transgênero: conquistas, obstáculos e desafios

Os estudos de gênero na contemporaneidade têm avançado e sendo difundidos nas sociedades, emergidos a partir dos diálogos dos movimentos feministas. Em vista disso, foi através do feminismo anglo-saxão que se iniciou o processo de diferenciação entre gênero e sexo (LOURO, 2003).

O que se pretende a partir disso é “entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos” (LOURO, 2003, p. 23, grifo da autora). Assim, de acordo com Ciampa (2012), a identidade não é um fenômeno acabado e cristalizado, nem intrínseco ao ser humano, mas está em constante processo transformação, podendo reproduzir identidades existentes ou mesmo conceber novas identidades. Corroborando com Ciampa, Bento (2014) sugere que há possibilidades variadas de identidades, além disso a autora discorre também que as identidades não estão cristalizadas, apresentando, em seu processo de constituição, um caráter fluido.

Ao estabelecer identidades como se elas estivessem prontas, endurecidas, podemos favorecer àqueles que conseguem amoldar-se a tais identidades e excluir ou patologizar quem não consegue fazê-lo (CIAMPA, 2012).

Assim, trazendo o entendimento de que a partir das relações sociais existentes, bem como os fatores históricos e culturais, há a construção de identidade, Butler (2017) expõe que o gênero não é determinado pelo sexo biológico quando no nascimento, sendo construído socialmente. A autora sugere ainda que não há apenas dois gêneros, a saber masculino e feminino, o que evidencia mais uma vez seu caráter fluido.

Dentro desse contexto, emergem os estudos das identidades trans. Portanto, neste ponto, considerando-se a especificidade do grupo em questão, sinto a necessidade de distinguir orientação sexual de identidade de gênero, uma vez que pode haver alguma dúvida em relação a tais terminologias.

Entende-se por orientação sexual o direcionamento do desejo sexual, afetivo e/ou emocional por outra pessoa, seja para alguém do mesmo gênero (homossexual: gays e lésbicas), seja para o gênero oposto (heterossexual), ou mesmo para ambos

os gêneros (bissexuais) (REIS, 2018). Os estudos sobre sexualidade indicam ainda que as orientações sexuais mencionadas não são as únicas – há quem desenvolva atração por pessoas independente do gênero (pansexuais) e ainda quem não sente qualquer desejo sexual, seja pelo mesmo gênero ou pelo gênero oposto (assexuais) – o que mostra uma grande fluidez quando se trata da sexualidade humana (PRECIADO, 2014; LOURO, 2018).

Já a identidade de gênero refere-se à auto identificação com o gênero correspondente ou não ao sexo biológico. De modo geral, mas não categórico, mulheres transexuais nasceram e foram designadas ao sexo masculino, mas se auto identificam com o gênero feminino (JESUS, 2012).

No caso particular das travestis, apesar de apresentar uma performatividade de gênero feminino (BUTLER, 2017), estas não se reconhecem no binarismo de gêneros, mas sim como um terceiro gênero ou um não-gênero (KULICK, 2008; JESUS, 2012; REIS, 2018). Nas palavras de Benedetti (2005), “vivem a experiência do gênero como um jogo artificial e passível de recriação. Por isso, criam um feminino particular, com valores ambíguos” (p. 132).

Assim, alguém que é cisgênero ou cis abreviadamente corresponde às “pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (JESUS, p. 10, 2012).

Tanto pessoas trans como pessoas cis fazem parte de uma sociedade cisnormativa, termo utilizado para caracterizar a ordem hegemônica das normas de gênero impostas por meio de violências sejam simbólicas, sejam físicas, além de ser direcionada principalmente a quem não esteja em conformidade com tais normatizações (MISKOLCI, 2012; VERGUEIRO, 2015).

Jesus (2015) assinala que a vivência de um gênero dissonante do sexo designado no nascimento não é uma questão de transtorno, mas de identidade. A partir desse concepção, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou os diagnósticos de “transexualismo” e “travestismo” dos Transtornos Mentais da nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Foi incluído na lista de condições relacionadas à saúde sexual o diagnóstico Incongruência de gênero que “é caracterizada por uma incongruência acentuada e persistente entre o sexo experienciado de um indivíduo e o sexo atribuído. Comportamento variante de gênero

e preferências por si só não são uma base para atribuir os diagnósticos neste grupo” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019, n.p., tradução nossa).

Outras conquistas que podem ser nomeadas são a alteração do registro civil pelas travestis e transexuais independentemente de cirurgia de redesignação genital, laudos de equipe multidisciplinar e ação judicial (BRASIL, 2018), bem como enquadramento da homofobia e da transfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (BRASIL, 2019).

Por conta dessa subversão dos padrões de papéis de gênero, travestis e mulheres transexuais sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas da sociedade (SIMPSON, 2015; FERREIRA *et al.*, 2017). A invisibilização é tão grande que não há dados oficiais unificados sobre essa população por parte de órgãos do governo (PINTO *et al.*, 2017). As informações disponibilizadas são coletadas por meio de Organizações da Sociedade Civil e Associações, algumas delas mostradas a seguir.

No âmbito internacional temos a *Transgender Europe*, que em seu último relatório informou que foram reportadas 2.982 notificações de homicídios de pessoas transgênero no mundo entre o período de janeiro/2008 a setembro/2018. Relatou ainda que 167 das mortes notificadas foram atribuídas ao Brasil entre outubro/2017 a setembro/2018, colocando-o como o país com mais assassinatos do mundo em número absolutos (TRANSGENDER EUROPE, 2019).

Já no Brasil, há várias associações realizando esse tipo de trabalho, dentre elas podemos destacar a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) que mapeia e contabiliza os assassinatos ocorridos pelo país. De acordo com esta associação, só no ano de 2018 ocorreram 163 assassinatos de pessoas transgênero, sendo 158 travestis e mulheres Transexuais. No entanto, tais dados eram subnotificados uma vez que ainda não havia na legislação brasileira a tipificação do crime contra identidade de gênero (ANTRA, 2019).

Outra forma de violência vivenciada por esta população se dá na falta de respeito ao uso do nome social em vários espaços, por exemplo no SUS. Apesar de ter garantido o seu uso através da Portaria 1.820/GM/MS de 2009 (BRASIL, 2009) nos serviços de saúde, é constante a violação deste direito, evidenciando a falta de acolhimento por parte dos técnicos e agentes da área. Tal atitude se torna um

obstáculo, dentre tantos outros, ao acesso aos serviços de saúde, podendo ocasionar, por exemplo, em desistência de tratamentos (FERREIRA *et al.*, 2017; SILVA, L. *et al.*, 2017).

Assim, há a concessão de valores a certos membros de um grupo (no caso, os agentes de saúde) e a designação de estigmas a outros (travestis e mulheres trans), resultando em uma relação de estabelecidos e *outsiders* respectivamente (ELIAS; SCOTSON, 2000). Ou seja, na recusa de chamá-las pelo nome social e reconhecê-las em suas feminilidades em todos os espaços, os agentes de saúde podem ser considerados como estabelecidos em uma suposta superioridade por serem “detentores do saber biomédico”, enquanto elas são excluídas e estigmatizadas, vivenciando um sentimento de inferioridade humana.

Uma vez que, no pensamento da sociedade há uma suposição de uma ordem compulsória, em que há uma linearidade entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2017), apenas mulheres cis utilizariam os serviços de ginecologia, desencadeando em mais preconceito e constrangimentos que travestis e mulheres trans passam nas unidades de saúde. No caso delas, muitas ainda procuram se consultar com urologista, pois nem todas querem ou ainda não passaram pela cirurgia de redesignação genital (PETRY; MEYER, 2011).

A relação de cuidado com equipe médica vai além do saber biomédico, mas é traçada por normatizações de gênero e sexualidade, transcendendo a área da saúde, contribuindo para a manutenção de concepções hegemônicas, a saber as construções de gênero. Logo, isso traz o apagamento de demandas, pois as reduz a estereótipos de binarismo de gênero, tendo uma visibilidade seletiva para suas necessidades em saúde ou mesmo as invisibilizando (MOSCHETA; FEBOLE; ANZOLIN, 2016).

As constantes violações de direitos apresentam fortes consequências. Bauer *et al.* (2015) e Silva, G. (2016) demonstram um maior risco ao suicídio com esta população. Ideações suicidas estão associadas a níveis depressivos, expulsão do núcleo familiar, violência escolar. Ou seja, o não respeito e aceitação da identidade de gênero com a qual se reconhecem tornam-se agravos para saúde mental de pessoas transexuais e travestis.

Em meio a falta de apoio familiar, social e institucional, para conseguir o corpo feminino, tão simbólico na construção da identidade, muitas mulheres transexuais e travestis recorrem a procedimentos autônomos, como aplicação de silicone industrial nos seios e glúteos e hormonioterapia sem prescrição médica, mesmo sabendo dos riscos envolvidos. Apesar do Processo Transexualizador estar disponível no SUS (BRASIL, 2013), os principais motivos que as levam a tomar tais atitudes são financeiros, além de visualmente conseguirem ter os efeitos desejados mais rapidamente no corpo (FERREIRA *et al.*, 2017; PINTO *et al.*, 2017; SAMPAIO; GERMANO, 2017).

Assim, devido a esses agravos decorrentes da exclusão social e dos processos discriminatórios as quais estão expostas travestis e mulheres transexuais, o Ministério da Saúde estabelece a identidade de gênero como determinante e condicionante de saúde (BRASIL, 2013). Corroborando com essa premissa, Sena, Souto e Passos (2015) acrescentam ainda, considerando as vulnerabilidades específicas dessa população, a grande necessidade de políticas públicas que tenham por objetivo a promoção da qualidade de vida, bem como a proteção e garantia dos direitos humanos e sociais.

## **1.2 Prostituição**

A prostituição é conhecida como uma das praxis mais antigas existentes e é através dela que muitas pessoas tiram seu sustento. Silva, Costa e Nascimento (2010) a definem como uma “prática de comercializar serviços de natureza sexual [...] exercido mediante negociação direta com o cliente sobre os serviços a serem prestados, e os preços variam de acordo com a performance do profissional” (p. 110). Contudo, a prostituição se manifesta provocadora, desconcertante e até mesmo desafiante para a sociedade, que fomenta sua prática ao mesmo tempo que a recrimina (BRASIL, 2002).

O Brasil adota um posicionamento abolicionista da prostituição. A prática, no entanto, é incoerente pois não é crime prostituir-se, mas a gerência, por exemplo manter um bordel, é ilegal. Outros países adotam a regulamentação ao invés da proibição, como a Alemanha, Suíça, Uruguai e Chile. Todavia o controle social e a estigmatização das profissionais do sexo por meio de registros e vigilância oficiais se

tornam grandes obstáculos na organização da categoria em busca de direitos e segurança (BRASIL, 2002).

Historicamente, no Brasil, é apenas a partir dos anos 1970 que surgem os primeiros movimentos sociais reivindicando os direitos das profissionais do sexo enquanto trabalhadoras. Surgem os termos profissionais do sexo ou trabalhadoras do sexo para designar as pessoas que praticam a prostituição como meio de subsistência. No entanto, atualmente há líderes e pessoas dentro dos movimentos que reivindicam o resgate do termo anterior, “prostitutas”, pois acreditam que a nomenclatura adotada “acaba por mascarar antes que enfrentar, o estigma que sempre perpassou a prostituição” (RODRIGUES, p. 69, 2009). Com isso subvertem a conotação depreciadora do termo e, ao mesmo tempo, empodera as mulheres a fim de enfrentar as discriminações e preconceitos decorrentes de seus trabalhos. É a partir dessa perspectiva atual que decidi, nesta pesquisa, me referir a elas enquanto profissionais de sexo.

Durante o trabalho, as profissionais do sexo estão expostas à diversas formas de violência. Silva, Costa e Nascimento (2010) destacam o não pagamento por parte do cliente do que foi combinado previamente, a coação por práticas sexuais que a profissional não realiza como sexo anal e/ou oral, além de violência física e moral das mais diversas. Quando não há o pagamento do serviço, não há a quem recorrer e, muitas vezes, as denúncias são negligenciadas quando registrados nas delegacias justamente por se tratar de prostituição (EUFRÁSIO, 2017). A iminência de violência seja ela qual for é permanente, fator este também causador de angústia e sofrimento, o que mostra o quanto a profissional do sexo é desrespeitada na sua prática laboral.

Além da violência constante há o alto risco de contaminação com IST e AIDS em decorrência da elevada quantidade de parceiros sexuais (PASSOS; FIGUEIREDO, 2004). Além disso, são mais bem remuneradas as práticas sexuais de risco, ou seja, os clientes oferecem mais dinheiro para não usar o preservativo, tornando-se assim um dos principais desafios das profissionais do sexo (SILVA; COSTA; NASCIMENTO, 2010; EUFRÁSIO, 2017). Outro fator associado ao risco de contaminação é o consumo de álcool e outras drogas, assinalado como

um dos mais importantes marcadores de risco para o aumento da violência contra as mulheres profissionais do sexo, nos mais distintos contextos de comércio sexual, pois a necessidade de aquisição destas substâncias, bem como o uso compartilhado com parceiros sexuais (íntimos e clientes)

condicionam estas mulheres às mais diversas situações de exposição e de vivências de violência (LIMA *et al.*, 2017, p.10).

No cenário legislativo brasileiro, foram poucos os momentos em que se colocou a prostituição em pauta na reivindicação de direitos para as profissionais do sexo. A primeira vez que a temática foi trazida para a Câmara dos Deputados foi em 2003 através do arquivado Projeto de Lei 98/2003, de autoria do ex-deputado Fernando Gabeira (BRASIL, 2003). No ano seguinte, o ex-deputado Eduardo Valverde (BRASIL, 2004) propôs o Projeto de Lei 4244/2004, saindo de tramitação a pedido do próprio ex-deputado. Muitos anos depois é que o tema volta a entrar em pauta através do deputado Jean Wyllys (BRASIL, 2012) ao apresentar o Projeto de Lei 4211/2012 que atualmente está com a tramitação parada. Esses projetos propunham a regulamentação da profissão e garantias de direitos como aposentadoria especial e carteira de trabalho assinada, frisando a diferença entre a profissão do sexo e a exploração sexual.

Iniciativas mais conservadoras com viés moralista e higienista também se manifestam indo na contramão da regulamentação da profissão, como o deputado João Campos (BRASIL, 2011) que propõe, através do Projeto de Lei 377/2011, o qual criminaliza a contratação de serviços sexuais tanto de quem paga quanto de quem oferece o serviço. Este projeto, assim como o do deputado Jean Wyllys, se encontra com a tramitação parada na Câmara dos Deputados.

Em 2002, a ocupação, ainda sob a nomenclatura “Profissional do Sexo”, foi incorporada à nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) na categoria Prestação de Serviço, podendo exercer suas atividades tanto no âmbito público quanto no privado, além de participar de ações educativas no campo da sexualidade. Dentre as características descritas na CBO, destaco os tópicos Descrição Sumária e Condições Gerais do Exercício que ressaltam a vulnerabilidade da profissão como a exposição à discriminação social, riscos de contágios de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), maus-tratos, violência de rua e morte (BRASIL, 2002).

Todavia, a profissão do sexo ainda se mantém periférica nas discussões, principalmente na esfera das políticas públicas, tendo direitos e segurança violados constantemente. Apesar das conquistas que são muito insipientes frente às



necessidades apresentadas, as profissionais do sexo permanecem sendo um grupo isolado e discriminado pela sociedade (EUFRÁZIO, 2017).

Buscando lutar por esses direitos dentro do contexto amazonense, ainda pouco explorado academicamente, há a Associação de Profissionais do Sexo do Amazonas (As Amazonas). A organização, criada em 2008, tem como principais objetivos defender e promover a liberdade e os direitos de todas as mulheres profissionais do sexo. A presidente da associação relata a falta de apoio das associadas no desenvolvimento das atividades. Alega ainda que poucas mulheres da categoria se interessam pelas questões políticas e sociais da profissão (GOMES, ALMEIDA, SILVA, 2016). Os movimentos reivindicam políticas públicas que não se atenham somente ao campo da saúde e do trabalho, mas também foquem em outras áreas como turismo, justiça e no campo legislativo (RODRIGUES, 2009).

### **1.3 Temáticas que se atravessam: transgeneridade e prostituição**

A partir deste ponto, podemos perguntar como a prostituição atravessa a temática das mulheres transexuais e travestis? É de suma importância frisar que ser mulher transexual ou travesti não acarreta necessariamente em ser profissional do sexo (DURIGAN; MINA, 2007; KULICK, 2008), no entanto as duas temáticas caminham muito próximas e diversos fatores contribuem para que isso ocorra.

A reduzida escolaridade dessa população se torna um dos grandes obstáculos na busca por trabalho fora do mundo da prostituição. Cruz (2013), Silva (2016) e Eufrazio (2017) corroboram com esta proposição ao expor que a dificuldade de acesso e de permanência nas escolas fomentam para que elas desistam e abandonem precocemente os estudos.

Miskolci (2012) expõem que situações que são ordinárias ao cotidiano para quem está dentro do padrão cisnormativo tornam-se violências as quais vão se acumulando, criando um sentimento de não pertencimento àquele espaço, como por exemplo ir ao banheiro, resposta na chamada, relacionamento com colegas, professores e direção. Soma-se a isso o descaso e negligência dos gestores de escolas que frequentemente não procuram intervir nesse processo de exclusão e de preconceito vividos pela população transexual nas salas de aula (CRUZ, 2013).

Estratégias que sejam direcionadas para as discriminações contra a diversidade sexual e que fomentem o respeito as diversas orientações sexuais e identidades de gênero no cotidiano escolar precisam ser desenvolvidas a fim de garantir direitos que há muito são violados sistematicamente.

Hartmann (2017) afirma que “para ter acesso a um trabalho, é preciso uma educação formal e é preciso um registro social. O registro delas, na maior parte das vezes, não corresponde ao seu nome social, que é o seu nome de fato” (p. 134).

E, quando de fato estão nas ruas na atividade do trabalho sexual, esta população se torna alvo das políticas de prevenção ao HIV/AIDS e IST em geral. No entanto, seguindo a trilha de Pelúcio (2007) e Sabatine (2012), o mundo vivido das travestis e mulheres trans que realizam trabalhos sexuais, encontra-se descolado dos modelos preventivos. O que se identifica são práticas de prevenção ancoradas em um sexo prescritivo, autovigilante e de pânico morais (SABATINE, 2012). De acordo com as autoras supracitadas, estas ações preventivas do sistema oficial de saúde não coadunam com a prática laboral desta população.

Além disso, Pelúcio (2007) observou em sua pesquisa, que frequentemente o ato em aceitar um programa sem preservativo é regido pelas necessidades cotidianas, seja para ganhar mais ou simplesmente para conseguir o programa. A antropóloga observou ainda, que esse tipo de prática é mais comum quando as travestis participantes da sua pesquisa, estabelecem algum tipo de afinidade com seus clientes, e isso acarreta um afrouxamento na prevenção, pois

quanto aos aspectos preventivos, é justamente com os “homens de verdade” que as travestis acabam fazendo sexo sem camisinha, ou porque é com eles que irão ter relações afetivas ou por serem eles os clientes gostosos. (PELÚCIO, 2007, p. 87)

Desse modo, após o programa, muitas delas se sentem culpadas pelo ato da relação sexual de risco que praticaram. No aspecto da culpa, Douglas (1991), ao discutir as noções de Pureza e Perigo, destaca que as percepções de poluição, pureza e perigo estão ligadas à relação entre ordem e desordem social, assim, no sexo sem preservativo, parece haver o enaltecimento de um prazer sensorial em consequência do próprio risco, rompendo com as regulações estabelecidas pelos modelos

preventivos, em detrimento da possibilidade de infecção de doenças. Podemos também compreender o risco como um modo de desafiar ou afrontar a própria finitude a fim de dar sentido à existência (SILVA, 2010).

*“Espero poder chegar no coração das pessoas e no meu coração para que juntos eu consiga entender o que eu sou também. As pessoas pensam que só porque eu tenho visibilidade, me construo só a partir de mim. Meu processo é muito pelo contrário. É muito na troca.”*

*Liniker*

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 A Fenomenologia e a Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger

Para fundamentar a análise de dados, pretendo utilizar a Fenomenologia e, mais especificamente, a Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger. Assim, a princípio, para falar de Fenomenologia devemos nos referir ao seu criador, o matemático e filósofo alemão Edmund Husserl. Ele argumentava contra o naturalismo, apontando que os fenômenos não podem ser entendidos como entidades naturais (CERBONE, 2014). Corroborando com essa premissa, Tourinho (2011) mostra que ao buscar um rigor científico a filosofia Husserl repelia os ensinamentos das ciências naturais/empiristas pois estas, entre outros objetivos, buscavam uma divisão entre o pesquisador e seu objeto de estudo e ainda assim não conseguiam responder àquilo que se apresentava de maneira única à experiência do ser. Dessa forma, a partir de Husserl, começa-se a elaborar uma ciência eidética, ou seja, uma forma de pensar com o objetivo voltado a buscar a essência dos fenômenos tal como se revelam, voltar às coisas mesmas (HOLANDA, 2014). A partir de Husserl despontaram outros pensadores, dentre eles o também alemão e filósofo Martin Heidegger.

Para este pensador, a fenomenologia está centrada na questão do Ser e na busca do sentido do ser como ele aponta em seu trabalho mais conhecido, "Ser e Tempo" (HEIDEGGER, 2013). Ele se propôs a investigar a noção de humanidade em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (HEIDEGGER, 2013). Também conhecido como pre-sença ou Ser-aí<sup>1</sup>, o *Dasein* é transcendência no sentido daquele que sai de si próprio para estar no mundo, para se projetar no mundo e nele se relacionar. O *Dasein* fala do ser que está lançado no mundo. O filósofo assinala ainda que a pre-sença não é apenas corpo, matéria, mas cada ser humano é um *Dasein* que foi entificado ao ser lançado no mundo e, por ser lançado no mundo, "constitui-se num ente aberto às possibilidades" (CASTRO, 2017, p. 18).

Em "Ser e Tempo" Heidegger (2013) supera a ideia da metafísica aristotélica onde encontram-se construções prontas, um corpo e um espírito pronto. Supera no sentido que o *Dasein* não é do mundo das ideias, desse modo nunca está pronto e

---

<sup>1</sup> Correlato a ser humano.

acabado. A pre-sença só é a partir do momento em que escolhe *ser* dentre as possibilidades apresentadas, mas, logo em seguida, precisa fazer outra escolha e assim sucessivamente. Por isso a pre-sença nunca é. A pre-sença está sempre *sendo*. É sempre transformação e sendo transformação, é sempre possibilidades.

A característica maior do Dasein é que ele se faz existência. Heidegger (2013) traz a etimologia da palavra existência, do grego ek-sistere: ek (fora) e sistere (lançar). Assim, sendo existência, o Ser-aí é sempre aquele que se lança para fora de si próprio, se lança para além daquilo que já é, estando sempre em construção. Nesse sentido, o Ser-aí é sempre lançado em algum lugar, o mundo. Por isso “o ser-no-mundo deve ser entendido como uma estrutura de realização do Ser” (CASTRO, 2017, p. 18). O ser-no-mundo, por ser uma expressão do Dasein, apenas o é porque o Dasein se faz enquanto pre-sença.

Assim o filósofo assinala que aquilo que nos diferencia das coisas é o fato de existirmos. Só existimos porque estamos constantemente nos lançando para fora (HEIDEGGER, 2013). E o que nos lança para fora? O Dasein. Por isso o Dasein é o ser-do-ente. Isso posto, a pre-sença não tem como existir sem o corpo. No entanto, não nos enganemos em retornar para a metafísica platônica realizando uma dicotomia dasein/corpo, ou seja, uma ideia de que há uma superioridade “daseística” frente à matéria. O corpo não é meramente um receptáculo por ser “animado” pelo Dasein, ao mesmo tempo que o Dasein não pode ser uma questão além do aspecto físico, pois ele depende de um ente para poder existir nesse mundo. Ele só pode se lançar para fora a partir da relação consigo e com o mundo. Então, como num movimento cíclico, ao mesmo tempo que o Dasein se faz presente no corpo humano, enquanto ser-do-ente, o corpo é ente-do-ser. É, no dizer de Forghieri (2011), “uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados” (p. 28).

Portanto o que marca o Ser-aí é esse existir, além de se fazer pela existência a partir de um ente no mundo. O Dasein, que é próprio da humanidade, não pode ser reduzido então a uma *anima*, mas também questiona a si próprio, sua característica máxima. Como Castro (2017) destaca,

o Dasein não pode ser considerado como algo ou alguma coisa, uma vez que ele é o ente que possui o ser-das-coisas, para o qual as coisas estão presentes. O Ser-aí é um ser de possibilidades, é sempre aquilo que pode

ser. Heidegger realizou uma filosofia hermenêutica na qual interpreta o Dasein, debruçando-se sobre a construção existencial da compreensão possível a partir da existência ativa (p. 19).

Por isso o Ser-aí nunca é passividade, mas ativamente questiona e olha a si próprio para poder fazer as suas escolhas e construções.

No entanto, alguns aceitam viver o seu cotidiano sem grandes inquietações, sem voltar-se sobre si mesmos. Ao passo que existir é lançar-se para fora, é sair da mesmice, viver é aceitar as coisas como são, é estar na impessoalidade. Quando o Dasein se faz ente e se percebe finito, enquanto ser-para-a-morte, a angústia se faz presente (HEIDEGGER, 2013). Na cotidianidade, tenta-se fugir dessa angústia existencial causada pela finitude, realizando ações sem implicação. As relações se tornam superficiais, ocupando-se de coisas para tentar ter o controle desse mundo. Vive-se de maneira imprópria, automática, inautêntica. Contudo, esforço algum consegue fazer com que a angústia vá embora, “jamais conseguiremos vencê-la, definitivamente, pois ela é inerente à nossa própria existência, na qual está contida a certeza de que um dia morreremos” (FORGHIERI, 2011, p. 37).

Todavia, é importante salientar que a angústia e o ser-para-morte não é algo ruim, pois a finitude torna-se um parâmetro. Ao ter noção da própria finitude, o ser humano se põe a fazer, ele não pode esperar. Sem a morte enquanto parâmetro não haveria motivação. Apesar disso, Heidegger (2013), em suas reflexões, não se preocupa com a morte em si, ela é apenas um ponto, o último, por isso ser-para-a-morte. A importância está no caminho e não na morte em si. A morte “não é algo simplesmente ainda-não dado e nem último pendente reduzido ao mínimo, mas, muito ao contrário, algo impendente, iminente” (HEIDEGGER, 2013, p. 32), ao mesmo tempo processo e o ponto final desse caminhar.

Logo, a todo momento que o Dasein está existindo, saindo de si mesmo para fazer novas escolhas, ele está morrendo. Desse modo, não há dicotomia entre a vida e a morte, falamos de algo único permeada pelas realizações que fazemos nas relações durante a vida. “É um poder-ser que determina o quão pronta a pre-sença é, de modo que o ser humano, enquanto é, já é seu ainda-não” (CASTRO, 2017, p. 23), ou seja, se não fosse a morte, a pre-sença não estaria pronta. Quanto mais próximo da morte, mais se fez, mais se construiu, mais história a pre-sença tem. Se a morte fala das escolhas que se faz durante a vida, aquilo que eu sou já é a minha morte. “A

morte – assinala Heidegger (2013, p. 245) – no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida”.

Conforme exposto anteriormente, o ser-para-a-morte não se dá somente na morte. Por ser um processo, o ser-para-a-morte permeia todas as relações do ser humano frente as possibilidades que se apresentam. Dessa maneira, toda escolha é uma morte. A partir do momento que o ser humano faz uma escolha, todas as outras “opções” findaram. A cada escolha que o Dasein faz, ele é lembrado da sua finitude.

A relação que o Ser-aí estabelece com a morte define a autenticidade e a inautenticidade. Existir de maneira autêntica é reconhecer a própria finitude (CASTRO, 2017) e, reconhecendo-a, não se tem tempo a perder sendo indiferente ao mundo.

A inautenticidade não é positiva, nem negativa, mas necessária a existência, caso contrário, a angústia da finitude seria um peso muito grande de ser carregado. Por isso é como se o Dasein estivesse numa onda de autenticidade e inautenticidade. Não há alguém que é autêntico ou inautêntico, mas um *estar sendo*, ou seja, o modo de como se cuida da própria morte ocasiona em mais momentos autênticos e menos momentos inautênticos e vice-versa, mas sem conseguir esquivar-se de nenhum deles, pois o ser humano não consegue escapar da angústia da própria finitude. Portanto, o próprio ser-para-a-morte influencia as formas de escolha, o caminho que é construído, pois ao fugir da própria morte, estabelece-se uma relação de inautenticidade (HEIDEGGER, 2013), escolhendo a mediocridade, a indiferença, a repetição para não lidar com as facticidades da vida.

A *facticidade* é apresentada por Heidegger (2013) como aquilo que não se controla e o próprio fato de estar lançado no mundo é uma facticidade, pois não há escolha de como, quando e nem onde nascer. Desse modo, as facticidades também nos dão parâmetros, uma vez que, de outro modo, cairíamos na ideia do ser que tudo pode independentemente das circunstâncias que o cercam. O Dasein é infinitas possibilidades, no entanto, o ente, enquanto matéria, será limitado pelo mundo. Ainda assim, o ente ser limitado pelo mundo não significa ser determinado por ele, mas quanto mais forte a facticidade, mais difícil será a escolha. As possibilidades que existem para serem escolhidas limitam-se a partir das facticidades que ocorrem no mundo.



O Dasein só se dá a partir do momento em que é lançado no mundo, o qual é apresentado sob três aspectos simultâneos de relação, a saber: mundo circundante, mundo humano e mundo próprio. O mundo próprio compreende a relação do Ser-aí consigo mesmo, o questionar a si mesmo, a consciência de si. Já o mundo humano se dá na relação do Dasein com outros Daseins, é “o encontro e convivência da pessoa com os seus semelhantes” (FORGHIERI, 2011, p. 31). Por fim, o mundo circundante se constitui na relação da pre-sença com o meio e com o ambiente. Então as coisas não simplesmente *estão*, elas sempre *são* relação com o Dasein. Dessa maneira, como a autora mencionada evidencia, não é possível entender o mundo por si próprio, mas somente a partir do sentido atribuído pelo Ser-aí em relação a algo ou alguém sempre considerando o “como” dessa relação.

O mundo próprio é construído e re-construído a partir da relação com os outros seres humanos. Heidegger (2013) considera que o Dasein muda, se transforma na relação com outras pessoas, por isso é ser-com. Não há ser humano, ontologicamente falando, fora da relação com outros seres humanos, logo, não há mundo próprio sem mundo humano, da mesma forma que não há mundo humano sem mundo circundante. E como se dá a relação com tais aspectos do mundo? Através do Cuidado.

O cuidado é o modo como procedemos em relação aos entes que nos envolvem no mundo (CASTRO, 2017). Ele faz parte de todas as relações que o Dasein estabelece com o mundo, ou seja, não há qualquer ação humana que não seja permeada pelo cuidado (PEIXOTO; HOLANDA, 2011). Isso posto, ele é percebido sob dois aspectos: cuidado da ocupação e cuidado da preocupação.

No cuidado da *ocupação*, o Dasein estabelece relações com entes que possuem seu ser determinado previamente (FEIJOO; PROTASIO, 2015), se ocupando do mundo circundante. No entanto, a ocupação se dá também com outro Dasein, quando, por exemplo, estamos em uma relação em que se desconsidera a subjetividade e possibilidades do outro, tirando-o do mundo humano e colocando-o no mundo circundante.

O modo de se relacionar básico do mundo humano é o cuidado de preocupação, pois é nele que se considera o outro ente enquanto alguém que não está pronto, outro Dasein, portanto, segundo Peixoto e Holanda (2011) “ao cuidado

com o outro nós chamamos solicitude. [...] O relacionamento com o outro cai sempre dentro da envergadura do cuidado, que se faz na solicitude” (p. 25).

Heidegger (2013) aborda então três possíveis modos de relação de preocupação: de indiferença, de substituição e de anteposição.

A indiferença é a relação que eu estabeleço com outros Daseins, mas sem a implicação. É o falatório. Ela é cuidado porque estou estabelecendo uma relação. Ela é de preocupação porque estou estabelecendo com outro Dasein sem limitar suas possibilidades, ou seja, sem colocá-lo no mundo circundante, todavia não é uma relação transformadora, que atualiza, mas sim uma relação inautêntica, do cotidiano (HEIDEGGER, 2013). Por conseguinte, temos as outras duas que de fato transformam o ser. A substituição e anteposição.

A substituição se dá quando não há o espaço para que o outro exerça a sua potencialidade, é fazer pelo outro, impedindo que ele aja, “deslocado do seu lugar enquanto co-presença [...], sendo então substituído” (FEIJOO; PROTASIO, 2015, p. 106). No entanto, há circunstâncias em que é necessário ter uma relação de substituição, pois o outro não se vê enquanto um ser de possibilidades, sem abertura para o mundo. Assim, se mostra o caminho para depois o outro conseguir ir em frente sendo protagonista e sujeito de ação. Portanto, a substituição por si só não é algo negativo. O empecilho se dá quando não se sai da relação de substituição, ou seja, ela é necessária até certo ponto dependendo das circunstâncias, mas ela não transforma de maneira duradoura e este outro também pode se beneficiar e aceitar se manter nessa relação.

Já a anteposição seria a relação de cuidado ideal onde “se mantém a possibilidade desse estar junto ao outro [...], mantendo a abertura que se é, o que diz respeito à própria existência” (FEIJOO; PROTASIO, 2015, p. 107). Nesse sentido, a substituição seria como saltar sobre o outro, se colocar em cima do outro, enquanto que a anteposição é um saltar diante do outro, é estar junto, ao lado dele. É uma relação que ajuda e apoia, mas ao mesmo tempo permite.

Se cuidado permeia todas as ações do ser humano, a temporalidade media a existência do Dasein, pois a todo momento, em suas relações de cuidado, atribui sentidos distintos a partir do que já foi e a partir do que pretende ser. Dessa forma, há o tempo do relógio que se passa igualmente para todos e há o tempo vivido, que será

diferente para cada um de acordo com os sentidos atribuídos àquele momento (HEIDEGGER, 2013).

Entender a temporalidade enquanto atribuição de sentido frente ao tempo que é vivido significa perceber que, sendo vivida, ela é mutável, se transforma a cada segundo. Assim, o temporalizar se dá como num processo de retroalimentação: deslocar pensamentos, atitudes, experiências do passado para o presente, projetando para o futuro o que e como se quer, e transportando para o presente expectativas e construções, fazer uma escolha e, conseqüentemente, aquilo vai se construindo enquanto passado. O temporalizar, então, está presente em todas as relações de cuidado, que por consequência estão presentes em todas as relações que o Dasein faz enquanto ser-no-mundo (CASTRO, 2017). Logo, olhar apenas para o que foi feito não é suficiente, é preciso olhar para o todo para compreender a escolha feita e o sentido atribuído a uma relação.

Já a espacialidade compreende no modo como o Dasein vivencia o espaço em sua existência (FORGUIERI, 2011), como se relaciona com ele, que sentidos são atribuídos aquele espaço. O ser humano pode estar em um local que tem tudo o que se entende ser bom e, ainda assim, estar afastado dele, transcendendo para um local que realmente deseja estar. A espacialidade, então, se dá por essa transcendência das relações que o Dasein estabelece com o mundo que habita, considerando as coisas e as pessoas que estão nele, “ultrapassando os limites do próprio corpo e do ambiente concreto circundante” (CASTRO, 2017, p. 25).

Por fim, como a análise será sobre o discurso das participantes, trabalhar com o discurso significa optar pela linguagem, não como um instrumento ou meio de comunicação (PEIXOTO; HOLANDA, 2011). É, a partir dela, que se dá a aproximação com o outro, além de permitir que o Dasein se questione a si próprio. A linguagem é, assim, a expressão de um significado que me propicia criar um sentido para o mundo. Por essa razão, Heidegger (2008) apresenta a linguagem enquanto morada do ser, pois é nela que o Dasein se mostra para o outro a partir dos sentidos que construiu na sua temporalidade dentro desse mundo. Eu só posso, então, buscar compreender alguém a partir da linguagem.

*“Olha pra cara da mona  
Que fala das mana  
Que trava batalha  
Puxando navalha  
Na vala da rua  
Tomou bordoada  
Que ela não se cala  
Se vinga na vara e não para  
Bumbum não para  
Afeminada, bonita e folgada  
Lugar de fala  
Ela que fala  
Pegou verdade e jogou na sua cara”*

*Linn da Quebrada e Glória Groove*

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

#### 3.1 Delineamento da Pesquisa

A pesquisa é de caráter qualitativo uma vez que se considera que o estudo se propõe a compreender os sentidos das vivências que estão contidas no discurso das participantes. Por ter sua preocupação direcionada para áreas da vida que não podem ser mensurados, a pesquisa qualitativa concentra-se em explicar e compreender a dinâmica das relações sociais, dos processos e dos fenômenos (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012; MINAYO, 2014).

Assim, dentre os vários métodos de pesquisa qualitativa, lancei mão do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia que, importa destacar, segue o conceito epistemológico de consciência intencional. Além disso, introduz algumas mudanças ao método filosófico, para que este possa ser transportado para o contexto da investigação científica (MARTINS; BICUDO, 2005; GIORGI; SOUZA, 2010; CASTRO, 2009). A seguir, apresento os aspectos teóricos gerais do método fenomenológico de investigação em Psicologia utilizados nesta pesquisa caracterizados por Giorgi e Souza (2010).

Primeiramente foi preciso recolher descrições de experiências vividas pelas participantes. O importante, neste momento, é ressaltar que se conciliou dois aspectos: seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições acerca do vivido, da experiência, além de salientar o sentido de como estas se apresentam à consciência do sujeito. Foram mantidos passos metodológicos que nos permitam enquadrar o processo de investigação em critérios unicamente considerados na comunidade científica. O método preserva uma componente descritiva, no sentido em que o resultado final do processo de análise do protocolo reflete uma descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência das participantes da pesquisa.

Posteriormente, foi realizada a redução fenomenológica-psicológica. Considera-se o uso da *epoché*, a suspensão da atitude natural, bem como da redução fenomenológica-psicológica neste momento por parte da pesquisadora. O sentido da redução é que objetos e situações, isto é, tudo o que surge à consciência dos sujeitos,

passam pela redução, mas não os atos de consciência, aos quais esses objetos e situações estão correlacionados.

Por fim, o terceiro momento é denominado de análise eidética – variação livre imaginativa. Este passo consistiu em que, depois de assumir a atitude da redução fenomenológica, concentrei-me no objeto de estudo, cuja essência, a síntese de significado psicológico, foi determinada. Dessa forma, procurei a essência do fenômeno, ou seja, a estrutura do significado psicológico, a síntese do sentido da experiência vivida pelas participantes da pesquisa através do uso da análise eidética, a variação livre imaginativa. A síntese final de significado psicológico remete para uma generalização eidética dos resultados da investigação. Os resultados eidéticos implicam, igualmente, que o que conta para a generalização dos resultados finais da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, objeto de estudo da pesquisa, se repete ao longo dos protocolos de investigação.

Para a coleta de dados foi empregada a entrevista fenomenológica que, de acordo com Acharán e Sousa (2014), por intermédio dela, o objetivo é alcançar descrições do mundo experiencial, do mundo da vida das entrevistadas e suas explicitações de significados sobre os fenômenos descritos. Isto é, no âmbito da investigação fenomenológica, buscou-se tão completa quanto possível a descrição das experiências vivenciadas pelas participantes acerca do fenômeno estudado.

## **3.2 Procedimentos**

### **3.2.1 Local da pesquisa**

Inicialmente a pesquisa seria feita na Assotram (Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado do Amazonas), todavia por eu ter um relacionamento próximo de uma travesti profissional do sexo. Ela se disponibilizou em ser um canal de acesso para suas colegas de profissão, tornando o contato com as participantes por esta via mais acessível e rápido.

### 3.2.2 Participantes

Colaboraram com esta pesquisa 03 (três) travestis e 02 (duas) mulheres trans brasileiras de faixa etária entre 28-52 anos. A seguir, apresento um breve perfil das entrevistadas para melhor compreensão do que será apresentado no capítulo de Resultados e Discussão. Os nomes das participantes foram trocados a fim de preservar o sigilo de cada uma delas e escolhi nomes de constelações para representá-las.

#### I. Virgo

Virgo é uma travesti de 28 anos. Disse que começou a fazer programa desde os 12 anos e que não realiza a atividade de trabalho sexual apenas com homens. Afirmou que vários casais heterossexuais já contrataram e que nestes programas se relaciona também com as mulheres.

Ela possui algum conhecimento da Profilaxia Pós-Exposição (PEP)<sup>2</sup> e para que serve este medicamento, no entanto não confia muito em sua eficácia sem deixar de recorrer a ele quando é preciso. Informou ainda que sempre tenta cuidar da saúde fazendo checkups anuais mesmo sofrendo preconceito nas instituições de saúde.

Virgo, atualmente, tem um bom relacionamento com os pais, que outrora não a aceitavam, principalmente o pai que a agrediu várias vezes. Declarou que tem um irmão que é homossexual e que tanto ela quanto o irmão são apoiados pela família, tendo neles pessoas com as quais pode amparar-se.

Há situações nas atividades de trabalho sexual em que não faz uso do preservativo, tendo vários fatores que influenciam em tal decisão desde o financeiro ao prazer que está sentindo na relação sexual. Quando indagada sobre o tratamento que recebe nas instituições de saúde, é enfática ao relatar que os profissionais de saúde a abordam com preconceito ou indiferença, tendo momentos em que se sente

---

<sup>2</sup> Antirretroviral que evita a proliferação do vírus do HIV utilizado após situações de risco como: violência sexual, relação sexual sem preservativo e acidente ocupacional (BRASIL, 2017).

envergonhada e humilhada, mas também há momentos em que enfrenta esse tipo de investida contra ela.

Declara-se evangélica e sente que não está “no caminho correto” quando fala da sua travestilidade, acreditando que Deus ainda pode mudá-la segundo suas palavras.

A percepção que tive de Virgo é que é uma pessoa extrovertida, gesticulando bastante enquanto fala, parecendo verbalizar tudo que vem à mente. Foi muito colaborativa durante a pesquisa, aparentando não estar desconfortável com as perguntas que eram feitas a ela.

## **II. Pyxis**

Pyxis, segunda participante entrevistada, é um mulher trans de 26 anos. Informou que foi entre os 12 aos 14 anos que começou a trabalhar com programas. Não possui vínculo afetivo com a família, chamando os pais de “genitores”.

Não apresenta ter qualquer confiança nas instituições de saúde e de segurança, buscando resolver seus problemas por conta própria. Posso citar como exemplo a perna machucada na altura do joelho no dia da entrevista. Relatou que foi agredida com um terçado na noite anterior quando estava em um dos pontos em que trabalha.

Deixou de ir ao hospital porque acredita que não seria bem tratada como aconteceu outras vezes e também não foi à delegacia prestar queixa presumindo que nada seria feito em seu auxílio. Fez os curativos ela mesma em casa e disse que só iria ao hospital se percebesse que o ferimento não estava curando ou mesmo piorando.

Declarou ainda sua dificuldade em conseguir um emprego formal em decorrência de sua transexualidade apesar de ter cursos e qualificações em seu currículo. Pude observar que Pyxis tem mais desenvoltura e clareza ao se expressar apesar de ser mais contida. Percebi também mágoa e revolta em muitas falas suas por sofrer tanto preconceito e violência da sociedade.



### **III. Cassiopéia**

Cassiopéia, travesti de 40 anos, iniciou no mundo dos programas muito cedo também, entre 13 e 15 anos de idade. Relatou que já sofreu muitos ataques graves de violência na rua estando trabalhando ou não, tendo várias partes do seu corpo quebradas como braço, perna, cabeça, etc.

Já morou em outras cidades do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte) sempre realizando atividades de trabalho sexual e através do trabalho com sexo conseguiu construir a casa onde mora. Quando estava em São Paulo, sua mãe faleceu e, de acordo com seu relato, se tornou usuária de drogas, tornando-se adicta.

Voltou para Manaus, informou que não faz mais uso de drogas, no entanto sofreu um acidente de moto tendo como consequência dificuldades para andar precisando de uma bengala para se locomover. Além disso, devido ao uso de álcool de outras drogas, Cassiopéia possui problemas cardiovasculares. Assim, atualmente não trabalha mais como profissional do sexo devido a sua condição de saúde.

Aposentada, tem uma estabilidade financeira, contribuindo para que não passe necessidades por não conseguir mais realizar os programas, além de ter o apoio de sua família e amigos.

Observei em Cassiopéia uma pessoa calma e centrada. Acredita que muitas colegas que estão trabalhando nas ruas vão sofrer ainda mais devido ao momento político atual. Agradece por não precisar mais trabalhar com prostituição nessas circunstâncias, apesar de expressar sentir desejo de fazê-lo.

### **IV. Hydra**

A quarta entrevistada foi Hydra, uma mulher trans de 52 anos. Fazendo coro com as outras participantes, ela também começou a se prostituir ainda criança, com 14 anos de idade.

Chorou em vários momentos da entrevista, principalmente quando falava da família. Informou que a família a rejeita, não mantendo com Hydra qualquer tipo de contato.

Em seu relato, acredita que a violência não está como antigamente, diminuindo com o passar dos anos, pois várias colegas suas foram assassinadas e diz que, por ter 52 anos, já viveu várias experiências ruins. Compara, por exemplo, o auxílio dos policiais nos momentos em que precisava, uma vez que outrora não fora atendida.

A mais velha de todas as participantes da pesquisa, Hydra foi a que se mostrou mais vulnerável tendo uma rede de apoio bastante fragilizada, além de ter muita dificuldade de conseguir manter suas necessidades básicas.

Percebi que tais circunstâncias se refletiram na entrevista, pois tive certa dificuldade em fazer com que ela falasse para além de respostas simples e monossilábicas, como se sentisse acuada tanto com a minha presença, como pelas perguntas que realizava.

## **V. Andrômeda**

Andrômeda foi a última participante da pesquisa. É uma travesti de 33 anos de idade e começou a se prostituir aos 14 anos. Contou que tem um vínculo afetivo muito próximo com a mãe com a qual sempre pode contar.

Expôs que, quando mais nova, era bastante agitada e envolvia-se em várias brigas para “se mostrar”, tendo consequências dessas brigas muitas cicatrizes pelo corpo. Todavia atualmente se diz mais calma, sempre tentando evitar qualquer tipo de confusão, até pedir desculpas mesmo sendo ofendida por outras pessoas.

Sobre questões de segurança, relatou que já andou armada com uma faca quando ia realizar os programas e suas colegas usavam lâminas de barbear – gilete – na boca (debaixo da língua ou no céu da boca). Hoje não usa mais qualquer instrumento para se proteger, se sentindo mais segura quando vai trabalhar e também amparada pelos agentes de segurança. Como exemplo de tal amparo, narrou situações em que quase foi agredida por possíveis clientes e, se não fosse pela intervenção de policiais, teria sido gravemente agredida. No entanto, há ainda muitas situações em que tanto agentes de segurança quanto agentes de saúde deixam de tratá-la com respeito, o que torna o amparo dos policiais exceção e não a regra.

Pude perceber que Andrômeda é uma pessoa resignada com as circunstâncias de sua vida. Disse que muita coisa mudou, a violência era maior e como era difícil ser travesti há alguns anos, apesar de ainda sofrer preconceito em vários espaços. Senti, em sua fala, como se não houvesse mais chances de avanço na conquista de direitos que podem protegê-la e ampará-la

### **3.2.3 Obtenção das entrevistas**

O caminho traçado para obter as entrevistas iniciou-se através de uma travesti profissional do sexo que é conhecida da pesquisadora. Desse modo, a partir dela obteve-se o contato das cinco participantes da pesquisa. Após o contato inicial via mensagem através de telefone celular, foi apresentado o objetivo da pesquisa e a solicitação do agendamento da entrevista de acordo com a disponibilidade de cada uma delas. Na data marcada para a entrevista, foi lida para as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitando a assinatura do referido documento que dá a anuência para a gravação da entrevista.

Foi apresentada uma questão disparadora para iniciar as entrevistas: Fale como você cuida da sua saúde sendo travesti (ou mulher trans) profissional do sexo. As gravações tiveram a média de 50 minutos de duração e todas foram transcritas integralmente. As entrevistas, após data marcada, foram realizadas presencialmente nas residências das participantes sempre buscando resguardar o sigilo de cada uma delas.

### **3.3 Momentos de Análise**

Utilizou-se para a análise das entrevistas um método constituído por uma componente descritiva, seguindo a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em psicologia, configurado por quatro etapas, explicitados em Giorgi e Souza (2010).

Etapa 1 – Estabelecer o sentido do Todo

Após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo foi apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, pretendi apenas ler calmamente a transcrição completa de cada entrevista, onde me coloquei na atitude de redução fenomenológica. Não me foquei em partes fundamentais, não coloquei hipóteses interpretativas, apenas, tive uma compreensão geral das descrições. Aqui, o objetivo principal foi obter um sentido da experiência na sua globalidade.

#### Etapa 2 – Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado

Retomei a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão teve um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permitiu uma análise mais aprofundada. Como o objetivo foi realizar uma análise psicológica, e, como a finalidade última da análise foi explicitar significados, usei como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado).

#### Etapa 3 – Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico

A linguagem cotidiana da atitude natural das participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum foi então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelas participantes. O objetivo do método foi selecionar e articular o sentido psicológico da vivência das participantes, em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, busquei expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estavam implícitos nas descrições originais das entrevistadas. É também neste momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico.

#### Etapa 4 – Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos

Ao fazer uso da variação livre imaginativa, transformei as unidades de significado numa estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resultou na elaboração de uma estrutura geral. Procurei fazer com que a estrutura resultante expressasse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total pudesse sobressair. O passo final do método envolveu uma síntese das unidades de significado psicológico. Neste momento, é o que Martins e Bicudo (2005) caracterizaram como a elaboração das Categorias Temáticas, a síntese das unidades de significado.

### **3.4 Considerações Éticas**

A pesquisa foi realizada de acordo com os normas éticas da Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado para execução sob o número CAAE 02415118.6.0000.5016.

Destaco ainda que, durante a execução da pesquisa, houve momentos de desconforto quando mobilizados certos conteúdos que causavam tristeza nas participantes, no entanto, não foram apresentadas consequências prejudiciais a elas em decorrência das entrevistas.

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?”*

*Emicida, Majur e Pablllo Vittar*

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao buscar seguir o método proposto de Giorgi e Souza (2010), foram encontradas quatro categorias temáticas, sendo que três delas apresentam subcategorias para melhor compreensão do fenômeno estudado.

Desse modo, será usado para fins de interlocução e compreensão das categorias de análise o aporte teórico de Martin Heidegger e sua fenomenologia existencial. A seguir apresento elencadas as categorias mencionadas:

### 4.1 Sou quem sou, sou o que sinto, sou eu mesma

### 4.2 No trabalho que executo, preconceito, violência e insalubridade: as faces de uma vivência

#### 4.2.1 Preconceito

#### 4.2.2 Violência

#### 4.2.3 Condições de trabalho

### 4.3 Um olhar sobre as instituições: saúde e segurança pública

#### 4.3.1 Percepção sobre as instituições de saúde

#### 4.3.2 Percepção sobre a segurança pública

### 4.4 O ser-com-o-outro: as relações de cuidado

#### 4.4.1 Família, um olhar para dentro: o apoio fundamental e o não-apoio

#### 4.4.2 O autocuidado: minha vida, minha responsabilidade

#### 4.1 Sou quem sou, sou o que sinto, sou eu mesma

Esta primeira categoria traz as experiências das participantes sobre como elas se identificam em relação ao gênero e as diferenças do que entendem sobre a transexualidade e travestilidade, como se deu o processo de autodescoberta e sua relação com o hormônio.

Nas falas a seguir podemos perceber que para Virgo e Hydra a diferença entre mulher trans e travesti está atrelada à existência do órgão genital pênis, apontando que por ainda o tê-lo se autoidentificam travesti. Ressaltam também que esse processo de autoidentificação passa pelo uso de hormônios e conforme as transformações no corpo ocorrem, há a epifania e o entendimento em se re-conhecer “Esta sou eu!”.

No entanto, há ainda dúvidas quanto à construção de suas feminilidades, como quando Virgo é enfática ao declarar que, tendo como fundamento a sua religiosidade, sempre será homem, ou quando Hydra, por ser rejeitada pela família, não se sente confortável em seu próprio corpo.

*Mas eu falo pelo fato de... de eu me sentir travesti porque eu não sou operada. Pra mim uma mulher trans tem que ser aquela que já tem vagina, que já é operada e eu não sou operada [...] eu me sinto mulher na hora do prazer, na hora do sexo [...] diante da sociedade a gente vai poder ser mulher, mas diante de Deus a gente sempre vai ser o homem [...] Aí, tu começa no hormônio, aí tu vê que tu vai ficando feminina. Tu vai tomando o hormônio. Daí, tu vai ver, tu já tá uma mulher. Entendeu? Daí, que você vai conseguir se entender. “ah, eu sou uma trans!” (Virgo)*

*Pra mulher trans tem que tirar logo sexo pra virar mulher, né [...] Travesti a gente ainda tem o sexo de homem no meio das perna, né? [...] que às vezes tem a família da gente assim, não gosta da gente, que a gente já tem esse jeito assim, né mana. [...] Eu fico: “será que eu nasci errada nesse mundo?”. Eu acho que não né? Não tem como nascer errado. Eu já nasci assim. (Hydra)*

Pyxis, por outro lado, apresenta um entendimento diferenciado sobre identidade de gênero, atrelando-o ao sentimento que tem sobre si mesma, ou seja,



independentemente da cirurgia de redesignação genital, ela possui autonomia e autodeterminação em relação ao seu gênero.

Além disso, ressalta a confusão que existe entre elas e os homens homossexuais no tratamento que recebem, pois a eles é dispensado uma abordagem no feminino – abordagem essa pela qual elas gostariam de serem chamadas –, por mais que o tratamento conferido a eles seja pelo viés da “humorização”, enquanto que para elas, nem isso recebem, sendo frequentemente tratadas no masculino.

*Mas aí se a gente for entender a transexualidade como é algo que a gente sente [...] Eu também me sinto como mulher mesmo não tendo operado a vagina [...] a gente, que somos trans, com aparência feminina completamente, por mais que não tenhamos o órgão, o aparelho feminino, a gente é tratada como ele, “é o senhor!”, “o que o senhor deseja?”. Seja num restaurante, numa lanchonete, no hospital. Ainda existe muito essa confusão [...] eu acho que a gente primeiro acaba fazendo a transição e depois descobre a nomenclatura [...] A gente é confundido com o gay e o gay é confundido com a gente. O gay é tratado como se fosse pra ser tratado o transexual, que é uma mulher normal. Eles tratam o gay normal, que é um rapaz de barba, que usa cueca de princesa, bonitinha porque querem humorizar aquela cena do gay chegando no lanche. E quando chega uma transexual, o próprio atendente, a própria atendente, seja lá quem for: “oi, senhor!”. Quando é uma mulher trans, chamam de senhor. Quando é um homem trans, chama de senhora. É complicado! (Pyxis)*

Podemos compreender mais uma componente da fluidez das identidades trans através das falas de Cassiopéia que outrora se identificava mulher trans quando sua aparência era mais feminina e tinha relações sexuais sem utilizar “muito seu órgão genital” pênis. Todavia, atualmente, por não conseguir fazer uso dos hormônios devido à saúde debilitada e conseqüentemente não ter aparência feminina desejada, se autoidentifica travesti. Nas suas palavras:

*Então, eu já me considero um travesti. Mas quando eu tomava hormônio, eu me considerava uma mulher trans, né. Porque eu nem usava muito, assim, meu órgão genital, sabe. E tudo pra mim era feminino ao máximo [...] quando eu saio, eu gosto de ser tratada como mulher, entendeu? Não gosto de ser chamada de homem né, pelo nome de batismo porque eu não troquei o nome. Devido esses problemas todos de hormônio e tudo... eu não troquei, preferi não trocar. Porque quando troca tudo, você precisa ter seu nome de mulher ali no papel. No documento, como muitas tão tendo hoje, tu precisa tá*

*com uma aparência bem feminina, né? Não adianta cê tá assim, com uma barba, um bigode e querer ser chamada de mulher, que já fica... na minha opinião, fica feio, né? Então... travesti é isso, eu gosto de viver assim, sabe. E, é isso. Quando eu vou sair, eu procuro sair mais feminina o possível, sabe. (**Cassiopéia**)*

Enquanto para Virgo, Hydra, Pyxis e Cassiopéia existem diferenças entre as identidades trans, seja pela presença ou ausência do órgão genital, seja pela intensidade do que é considerado feminilidade, Andromeda traz um discurso de não distinção entre mulher trans e travesti apesar de se identificar travesti.

*(Sobre autoidentificação) Como travesti [...] Pra mim é a mesma coisa. Pra mim não tem diferença. Eu não tenho isso comigo não, pra mim travesti e mulher trans é a mesma coisa. (**Andrômeda**)*

Para compreender essas distintas vivências é preciso lembrar que um dos aspectos mais básicos da existência é a abertura. Sempre se lançando para fora de si próprio, o Dasein está sempre em transcendência. Se lança para além daquilo que já é (HEIDEGGER, 2013).

Esta característica coaduna com os estudos de gênero que falam da construção do gênero a partir das relações sociais existentes, somado a fatores históricos e culturais. Desse modo, gênero não é um fenômeno cristalizado e acabado em si mesmo (BUTLER, 2017). O Ser está aberto inclusive na questão de gênero.

É possível perceber essa relação quando as participantes descrevem as várias formas de existir e como o reconhecimento das diversas transgeneridades femininas transcendem o que está posto dentro do sistema de binarismo de gêneros. Transcendem o corpo e uma designação masculina e estão abertas para as possibilidades.

Observamos nos excertos das entrevistas aspectos de subjetivação da própria existência pela mediação da corporeidade, as diferentes possibilidades de pensar identidade de gênero: a existência ou ausência do órgão genital pênis, o quanto o uso dos hormônios colabora para na construção de suas identidades, além da autoidentificação. É o que Heidegger (2013) descreve como o movimento do ek-sistir, a abertura necessária ao que nos vem ao encontro. As entrevistadas têm o olhar

voltados para si e fora de si mesmas e se apreendem no caminhar, inclusive reconfigurando seus *Eigenwelt* (mundo próprio) de acordo com as relações históricas estabelecidas no *Umwelt* (mundo da circundante) com os outros Daseins no *Mitwelt* (mundo compartilhado).

A cristalização das identidades de gênero, visão ainda hegemônica na construção de formas institucionais de cuidado, traz prejuízos, criando metas impossíveis de serem alcançadas para validar suas identidades ligadas ao que é entendido como feminino (CIAMPA, 2012; BENTO, 2014).

É necessário aceitar a fluidez do gênero para que se estabeleça uma relação autêntica com essas Daseins e que a relação do cuidar precisa levar em consideração o aspecto de abertura do ser, aceitando e trabalhando a partir do respeito ao olhar dessas próprias mulheres frente sua identidade de gênero. Mais do que isso, desconsiderar essa mutabilidade ontológica do ser é fadar as ações de cuidado ao fracasso, pois estarão sempre um passo atrás do mundo vivido.

## **4.2 No trabalho que executo, preconceito, violência e insalubridade: as faces de uma vivência**

Experiências de preconceito, violência e a dimensão dos locais onde desenvolvem seu trabalho é o que irá tratar esta segunda categoria. Assim, é exposto principalmente que a atividade do trabalho sexual é permeada por situações de risco e vulnerabilidade.

### **4.2.1 Preconceito**

Virgo relata a hipocrisia da sociedade quando esta as marginaliza por serem quem são, invisibilizando o seu existir ao mesmo tempo em que são desejadas pelas mesmas pessoas que as desprezam.

*Os homens que saem com a gente, travesti de rua, o que eles mais fazem é xingar a gente: “porra, olha esse viado!”, “porra, esse viado tem o ovão, olha aí!”. Eles falam, né? Eles que saem com a gente, com*

*a família dele é xoxando, mas quando é mais tarde, ele volta. Fazendo o quê? Querendo dar o c\* pra gente, querida! (Virgo)*

No discurso de Pyxis, observamos sua percepção sobre o lugar que é reservado a elas dentro da estrutura social quando fala que estão nas estatísticas de violência e morte, além da dificuldade de conseguir emprego no mercado de trabalho formal apesar de ter a escolaridade e qualificações exigidas. Relata também que há ainda a discriminação das colegas de profissão, as profissionais do sexo mulheres cis, dando mais uma camada do preconceito vivenciado por elas.

*“Ah, é um homem vestido de mulher!”, “é uma mulher de p\*!”, “é um homem com b\*!” [...] é como se fosse insignificante. A gente tem documento, mas é zero. A gente conta como cidadão zero. A gente tá na estatística, mas só de quem morre e quem é violentado. Entendeu? De quem passa num concurso, a gente não tá [...] a gente acaba se sujeitando a isso. Mas por uma marginalização social. Não porque a gente se predispõe a se marginalizar. A marginalização é social. É do intuito que eu não posso ter um emprego comum. Eu vou no RH, a pessoa vê meu currículo... Eu até tenho os cursos, Hellen, tenho os cursos... Tenho língua, tenho informática, tenho programação de computador, tenho design, mas quando chego lá no RH, a pessoa olha pra minha cara e acha que aquilo é uma informação falsa [...] E nem me pergunta outras línguas ali, pra saber se eu não sei falar, escrever, alguma coisa assim. Entende? E me desclassifica completamente como profissional porque ele tá vendo ali só a parte do transexual [...] ele só vê o estereótipo. Aquilo que já tá marcado, pré-marcado. “O que é o transsexual? É isso”. “É preto, é put\*, é isso” [...] então, as das profissionais do sexo, meio que não aceitam a gente que é trans, não. Elas só aceitam mulheres mesmo [...] Como se a gente não fosse profissional do sexo tanto quanto. A gente presta o mesmo serviço, né? [...] (Pyxis)*

A despeito do preconceito ainda ser presente na nossa sociedade, é perceptível para as participantes os resultados do avanço na conquista de direitos em comparação com épocas anteriores como nos diz Andrômeda:

*Antigamente o preconceito era bem maior [...] Era difícil você ver uma travesti de dia na rua andando. Eu adoro, eu amo, eu amo andar de dia e antes, era muito difícil você... se você fosse sair na rua, só faltava tacar pedra na gente. Andar no Centro? Nem pensar de dia! Quem era, vai a de uma esquina a outra, todo mundo rindo, bagunçando. Hoje em dia não, tem um ou outro que tira uma brincadeira, mas... não*

*passa disso. Mas como era antes, o preconceito era muito grande aqui. (Andrômeda)*

#### **4.2.2 Violência**

Experienciar a atividade do trabalho sexual significa ir de encontro a situações onde a violência é exacerbada por parte de outras pessoas.

*Muitas das vezes, a gente tá parada na rua, aí o boy vai e se depara só com o ovo. Aí, “pá!” Muitas vezes usam chumbinho, aquelas bolinhas de borracha. (Virgo)*

Conforme descrevi no perfil de Pyxis, no dia anterior a entrevista, ela foi agredida e estava com um corte na perna. Assim podemos perceber que estar na rua é estar exposta a riscos de agressão e violência não apenas dos clientes, mas também de outras pessoas que “só querem fazer maldade” de acordo com suas palavras.

*Eu fui agredida por uns rapazes que ficam na pracinha se drogando, pertinho de onde a gente se prostitui. Foi simplesmente isso. Eles chegaram agredindo uma amiga que tava do meu lado [...] Não foi nada armado, não tentou assaltar a gente. Só queria fazer maldade mesmo. (Pyxis)*

Cassiopéia descreve a dimensão de violência a que foi exposta em virtude de ser quem é. Percebe-se o quanto é aviltante para elas determinadas situações, onde, inclusive, correm risco de morrer, dada a dimensão do ato violento (agressão física) a que são submetidas.

*Até mesmo agora, eu sofri, depois de não fazer mais programa. No meu bairro, é... eu fui vítima de homofobia, né? O rapaz me agrediu [...] eu tava descendo essa ladeira que tem aqui, fui beber com um amigo meu, aí ele se estranhou comigo... não sei o que falei pra ele, que não gostou. Aí, eu... ele pegou um pedaço de pau, esperou eu ficar de costa e me agrediu. Deu a primeira paulada aqui (aponta para a cabeça), quebrou minha cabeça, ela é quebrada aqui. Aí depois deu outras, quebrou meu braço, quebrou minha munheca. Foi horrível! (Cassiopéia)*

### 4.2.3 Condições de trabalho

Pyxis e Cassiopéia trazem outro aspecto preocupante, a insalubridade e os riscos contínuos da situação de rua. A primeira indica o quanto os locais de trabalho são deletérios; a segunda, por sua vez, revelando a dimensão dos riscos.

*A gente trabalha em lugares insalubres. Insalubres são os negocinhos lá, os hoteizinhos do centro, a fábrica do distrito... (Pyxis)*

*Me alimentava mal, né, porque a gente dormia de dia pra acordar à noite, né... pra fazer o programa. [...] A gente entrava nos carros, não sabia se ia voltar ou não, é... tudo foi uma experiência, né? Devido a isso, devido essa vida, oh... muita coisa me aconteceu. Ou seja, cortes, muitas brigas, muitas agressões [...] Eu comecei muito cedo, né, 15 anos. Hoje eu to com 40. E foi muito... era dia e noite, dia e noite, não tinha folga, era todo dia. Sábado e domingo, sábado e domingo, todo dia. De domingo a domingo, não tinha um feriado. Acho que o único dia que não fui pra rua, foi natal e reveillon. Até semana santa tinha que ir, tinha que pagar a diária. (Cassiopéia)*

As participantes, ao descreverem situações vividas quando estão nos pontos esperando os clientes, temporalizam suas experiências, ou seja, resgatam suas histórias, seus percursos, suas dificuldades, dores e sofrimento, resgatando sentidos vivenciados e que construíram parte do seu ser-no-mundo ali. Dentre elas, Virgo que se questiona o porquê dos tiros que sofreu e o sentimento de injustiça por saber que seu caso não terá qualquer consequência para seu agressor:

*Eu peguei 3 tiros pelo fato de um veado ter roubado um homem e ele não conseguiu encontrar essa bicha e descontou em mim. Entendeu? E eu tava ali jogada no chão toda ensanguentada e eu falar: “Meu Deus, por que aconteceu isso comigo? Por quê?”. Entendeu? Se eu não fiz nada! Então, eu paguei por um fato que eu não cometi [...] Foram 3 tiro e até hoje eu não sei quem foi [...] como ele falou: “não adianta vocês irem na delegacia. Que você não vai ter...”. (Virgo)*

No trecho a seguir, verbalizado por Cassiopéia, são explanados os vários riscos e a sensação de insegurança que permeiam o trabalho sexual, além das medidas de

segurança quando um cliente chega solicitando o programa. Se o cliente estiver alcoolizado e/ou agressivo, elas ficam mais atentas que o habitual, além de recusar a atividade de trabalho sexual quando percebem que o risco de serem agredidas é muito grande.

Cassiopéia também descreve seu sentimento após a eleição presidencial de 2018. Ela acredita que as situações de preconceito e violência tendem a piorar, bem como a diminuição da força dos canais de proteção.

*Eu pedia pras meninas ver a placa do carro, né, quando eu ficava achando um cliente meu muito suspeito ou tava embriagado, aí eu dizia pra elas ver a placa do carro. E eu nunca ia pra lugar muito longe, entendeu? Eu ia num lugar... eles tinham que me levar num lugar que eu queria. Se ele quisesse que eu fosse num lugar que ele queria, eu não ia. Se visse que ele tava muito embriagado, se eu visse que era gente boa, eu ia. E também, eu procurava não ir muito na casa deles [...] (Cliente) Embriagado e falando alto, meio grosseiro, agressivo na maneira de falar, né. Aí, eu não gostava, não. Não entrava no carro se ele tivesse muito bêbado, né? [...] [Sobre pós eleições] Agora eles vão xingar... agora que os direitos humanos não pode mais ajudar a gente, vai ficar pior ainda, sabe? [...] Hoje em dia não vai ter mais, hoje em dia vai acabar tudo, entendeu? Da eleição dele, não vai ter mais isso [...] Da bicha passar na rua e xingar “filho de uma puta”, né? De xingar e da bicha querer revidar e falar alguma coisinha, quando ter uma paulada e ficar por isso mesmo [...] Ai, mana! Vai ficar pior, amiga. Te juro. Graças à Deus, que eu não vou mais pra rua, sabe? Hoje em dia eu sou aposentada. Eu não preciso tá indo assim pra rua me arriscando. (Cassiopéia)*

Enquanto Cassiopéia crê que o contexto de preconceito e violência irá piorar para ela e suas colegas de profissão, Hydra enxerga por outra perspectiva. Segundo seu relato, Hydra acredita que, entre ontem e hoje, a postura das pessoas mudou. Contudo, apesar da percepção de que a violência não é mais como outrora, isso não significa que tenha desaparecido, mantendo seus critérios de segurança para se manter a salvo durante as atividades de trabalho sexual.

*Já não tá mais violento como era antigamente. Antigamente matava as bicha. Ali no Tarumã, na Ponta Negra, Deus me livre. A pessoa pra sair, tem que orar muito pra voltar pra casa porque na época que vivi, Deus me livre, não podia entrar nem na feira que jogavam até pedra, era tomate, era coisa, né. Entrou uma bicha, uma travesti, tão jogando tomate, tão jogando cebola, alguma coisa na costa da gente [...] Agora*

*me sinto segura, bastante. Antigamente não. Antigamente, Deus me livre, nem pensar [...] quando eu vou sair, né... eu oro antes de sair, quando chego eu digo: "ainda bem que tô viva. Obrigado, meu Deus!" que já foi várias do meu tipo, da minha época, né. Eu lembro de tantas que já morreram [...] às vezes eu fico assustada, né... que eu não sei o que vou fazer com ele, né mana. Primeiro lugar, eu fico assim matutando o que será que ele vai fazer comigo, sabe. Se for dois ou três, eu não saio. Só saio se for só um mesmo. Eu não saio com dois de jeito nenhum, não tem quem faça. (Hydra)*

As várias experiências vividas nas ruas contribuem para uma mudança na postura para encarar o que vem pela frente. Andrômeda, ao ter o entendimento dos riscos que corre na rua, para além do comportamento mais agressivo que possuía, mudou o modo como lida com as situações conflituosas.

*A gente tá saindo com um cara, a gente tá desconfiada de tudo, né. Ali a gente tá preparada pra tudo, né. A gente pode morrer a qualquer momento. A gente tá na beira de uma esquina... pode levar um tiro, uma facada, uma surra. Pode acontecer várias coisas. Então, a gente tem que tá preparada pra tudo [...] Hoje em dia eu evito [...] Todo tipo de confusão eu evito. Antes, quando eu era mais nova, adolescente, jovem, eu fazia muita arruaça. Eu era aqueles travesti barraqueiro, travesti galeroso. Eu brigava, eu gostava de me mostrar. [...] Hoje em dia se a pessoa vem fazer uma confusão comigo. Não, deixo pra lá, viro de costa... se possível peço até desculpa por alguma coisa, eu evito [...] existem muitas leis que vão a nosso favor. A gente entendeu que não precisa mais ser desse jeito, indo pra porrada, indo furar. [...] Antigamente, a maioria das travesti, elas andavam todas armadas. Hoje é muito difícil. Hoje as travesti, elas não andam, não... é muito difícil elas ter, mas antes, elas andavam bastante. Eu fui uma que cheguei andar com faca na bolsa, e... tinham outras do meu tempo, que elas chegavam até andar com gilete no céu da boca que eu realmente cheguei a ver. Essas histórias que contam, não é invenção, realmente aconteciam mesmo. (Andrômeda)*

Esses relatos nos remetem a um aspecto fundamental da ontologia fenomenológica de Heidegger. A abertura do Dasein é condição da liberdade humana, pois a partir dela é proporcionado as possibilidades de escolha. O Dasein é livre dada as condições que estão em seu mundo, lidando com as facticidades que se apresentam (FORGUIERI, 2011).

A balança entre liberdade e facticidade se apresenta distintamente para cada Dasein de acordo com sua abertura, ou seja, a liberdade de escolher tem mais peso



quanto mais ampla for a abertura. Assim, para alguém que está dentro dos padrões impostos pela sociedade – a saber, os padrões de gênero –, a liberdade de fazer escolhas se mostra mais acessível, mesmo quando as facticidades se apresentam, pois possui mecanismos para lidar com estas. Por outro lado, as pessoas excluídas e fora dos padrões de gênero têm menor possibilidade de manejar e exercer plenamente sua liberdade de maneira autêntica. As possibilidades que existem para serem escolhidas limitam-se a partir das facticidades que ocorrem no mundo, desse modo, quanto mais forte a facticidade, mas difícil será a escolha (HEIDDEGER, 2013).

Questiono se há um privilégio da liberdade humana ou facticidades que subjagam as diferentes formas de ser-no-mundo, uma vez que a facticidade estrutural da sociedade se empenha em impedi-las de ser. Mesmo quando esta mesma sociedade indica que a educação formal é o meio pelo qual se pode adentrar no mercado formal de trabalho (HARTMANN, 2017) – e elas cumprem tal requisito, se preparando, se qualificando como mostrado nos trechos das entrevistas –, ainda assim não é suficiente, então lhes é negada e suprimida esta possibilidade. Esta estrutura busca relegar a elas um lugar de marginalização e, muitas vezes, encontram na prostituição um único meio de escolha que as efetivamente sustentem (PERES, 2005).

Não obstante, a violência não se limita apenas no campo simbólico e estrutural. A supressão da liberdade alcança aspectos concretos. Quando não consegue eliminar através do campo simbólico, se direciona para a o aspecto físico, ferindo também o corpo, a carne. Assim, podemos perceber que há uma necessidade da própria estrutura social de, num primeiro momento limitar essa liberdade, e não conseguindo apagá-la completamente, essa supressão se encaminha para o mundo primeiro do Dasein – Seu corpo. Há uma repressão estrutural e simbólica e há uma repressão física dessa liberdade.

Quando elas relatam os riscos e as condições da atividade do trabalho sexual, estas situações nos remetem diretamente ao ser-para-morte. A finitude não apenas faz parte do Dasein, como também o define. O mundo está constantemente nos lembrando da morte e isso nos angustia. Logo, buscamos no cotidiano, na repetição, ignorar a angústia primordial da morte ainda que nunca consigamos fazer isso de maneira plena (HEIDDEGER, 2013). Discutimos, no entanto, como considerar as

artimanhas para se afastar da finitude fora de um contexto dentro do padrão cisnormativo.

O peso da lembrança de ser-para-morte, e por consequência a angústia advinda deste processo, é maior para mulheres trans e travestis vivenciando a prostituição. Todavia, ao mesmo tempo em que há a angústia, o sofrimento, os medos, há também o engajamento para agir, para encontrar manejos de conseguir enfrentar as condições de trabalho tão vulneráveis. Paradoxalmente é a própria finitude que as impulsionam a encontrar novas formas, bem como reinventar mecanismo de proteção, seja com armas, lâminas, ou mesmo mudando o próprio comportamento.

### **4.3 Um olhar sobre as instituições: saúde e segurança pública**

Esta categoria expressa a concepção das participantes no que concerne aos sistemas de saúde e de segurança pública, demonstrando experiências que em alguns momentos não condizem com o objetivo para o qual essas instituições foram criadas.

#### **4.3.1 Percepção sobre as instituições de saúde**

As participantes, no que diz respeito ao sistema de saúde, revelam experiências dissonantes. De um lado, temos aquelas que são desprezadas e excluídas sob vários aspectos e do outro lado, há momentos em que o respeito e o cuidado se fazem presentes.

Desse modo, apesar da garantia do uso do nome social nos serviços de saúde, este direito é constantemente violado, o que demonstra a falta de acolhimento por parte dos técnicos e agentes de saúde. Nas falas das entrevistadas, percebe-se o constrangimento pelos quais elas passam quanto ao uso do nome social. O corpo trans é modificado para chegar ao tão desejado corpo feminino e, ao ser chamada pelo nome no masculino, vem à tona um sentimento de não aceitação do outro, negação do seu próprio eu, além da falta de respeito a elas ao não ser chamada pelo seu nome de fato.

*Ai, eu sinto muitas vezes o preconceito do povo. Porque aonde a gente vai, travesti ainda mais bonito, você jamais passa notável. Você botando uma saia, meu amor [...] Dou nem intimidade, vou que nem uma princesinha. Andando, e nem ligando pro que o povo fala, porque nunca liguei, entendeu? [...] às vezes, a gente é tratada no feminino, às vezes ficam desconfiado que é masculino. No caso, é certo que minha identidade ainda não troquei. Mas, é... Meu nome é Fulano [nome de batismo], num tem? Aí, aí, na hora de chamar o nome: Fulano!. Ai, eu fico constrangida. Eu lá toda de mulher, né... E o povo tudo olharam [...] E olha pra travesti e vê uma mulher. (Virgo)*

*Nome social pra eles não existe. É o João, João e pronto. Eles não tratam a gente como Maria. São poucas pessoas que tratam a gente, como a gente quer, com o nome social [...] Se for no hospital, é o João. Não me trata como deve, aqui em Manaus tá muito atrasada. É horrível, sabe. (Andrômeda)*

A presença dessa população não é respeitada mesmo quando não é o alvo principal do atendimento médico hospitalar. Ao não ser autorizada para acompanhar sua mãe em uma ala em que suspostamente homens não são permitidos, a presença de Virgo não é vista como ela se compreende: uma filha acompanhando sua mãe. Essas violências marcam as entrevistadas, minando a confiança nas instituições de saúde.

*Dia desses eu fui com a mamãe no SPA, na área que ela ficou, fui acompanhar. Na hora que ela, ela não tava se aguentando em pé, aí ela queria se deitar... Aí, a amapô jogou ela prum... prum lugar assim reservado, mas que só poderia ficar mulher, entendeu? Ai, ela olhou pra mim, ela disse que eu não poderia ficar lá porque eu não era mulher e lá só tinha mulher, entendeu? Ai, eu disse: “não vou largar minha mãe”. E fiquei lá [...] é muito babado, mulher, você não sabe, você não imagina o preconceito que a gente enfrenta. Pra sempre a gente vai sofrer isso [...] Chega no consultório do médico e ele te olhar assim, te analisa mesmo e muita das vezes, eles tratam... no nosso caso, né... Eles não tratam a gente bem, não puxam muito assunto. Pelo fato de que ser gay [...] às vezes, o povo confunde. (Virgo)*

É nítido nas falas da maioria das participantes a falta de preparo e capacitação das equipes de saúde, que por consequência acabam por afastá-las das instituições de saúde mesmo precisando de assistência.

*Eu não gosto ir. Eu sofri um acidente, daí não fui ao SPA [...] Pela forma que eu sei que vou ser tratada lá [...] várias casinhas. É um lugar público, eu ia de acompanhante da minha mãe... Nossa já sofri muito, várias situações [...] Como se alguma coisa fosse, alguma coisa do nosso corpo tivesse alguma bactéria, alguma coisa que fosse afetar. (Pyxis)*

*Assim, a gente via num lugar as pessoas não querem atender a gente porque a gente é assim desse jeito, aí a pessoa pensa que porque a gente é daquele jeito, a gente tem alguma fama, né. A gente num é ladrão, num é nada. A gente apenas é... a gente tá num corpo duma mulher, né... sendo homem, daquele jeito. Tem gente que fala... mais fácil ter um filho assim do que ter um filho ladrão, né... ter matador, assassino. (Hydra)*

Outra situação vivenciada por elas diz respeito aos médicos especialistas. As entrevistadas descreveram o fato de serem confundidas com homens gays, evidenciando novamente o despreparo das equipes de saúde em não saber diferenciar identidade de gênero de orientação sexual.

*E eu acho que não tá preparada pra receber nem o cidadão comum, quanto mais a vir receber o cidadão transexual como nós [...] Saber que uma mulher trans foi no urologista, independente de ter vagina ou não e o homem trans, independente de ter pênis ou não, vai continuar indo no ginecologista normalmente [...] As informações do SUS são muito complicadas. São informações paralelas. Em hospitais, espaçados. Não tem... Eu acho que precisava de uma conexão de informações dentro do próprio sistema único pra atender o próprio cidadão. Eu acho que atendendo ao cidadão comum, eles já conseguiriam atender a gente normalmente. Seria muito mais fácil [...] E ainda tem isso. A gente ainda é tratado como gay. Além da gente ser trans, ainda é tratado como gay. Porque chega um gay num local público, ele é tratado como transsex. Tem isso... Não só no hospital, em qualquer lugar [...] (Pyxis)*

Quase todas as participantes relataram as vivências ruins que sofrem nas instituições de saúde de Manaus como mostrado anteriormente. Entretanto, em uma delas, contrastando com as demais, observamos uma experiência diferente, ou seja, há situações em que o respeito se faz presente.

*Aqui em Manaus eu me sinto bem [...] Eu não sinto não, preconceito. Te juro, maninha [...] eles já sabem que a gente é travesti, gays e então*

*não tem essas coisas assim, não. Aquela coisa de ficar assim, se sentindo discriminada. Eu não me sinto discriminada [...] Às vezes, eu tenho que ir de cadeira de roda, né. Às vezes, o hospital é grande, não dá pra mim tá andando de muleta, aí cansa. Meu irmão tem que tá me levando ou então minha cunhada. Alguém que for comigo, né. Aí eu me passo como senhora. Aí eles pergunta: “Qual seu nome?” aí eu digo, né: “Fulano de tal!” que tá lá na minha identidade, né? Aí, olha assim: “Não, o seu nome mesmo!”. Aí eu tenho que falar, né. Eles perguntam como você perguntou: “Você prefere ser chamada como?”. Hoje no hospital já tem isso, né. Antigamente não tinha. Eles faziam questão de gritar o nome da gente (risos), o nome da gente alto, o nome masculino. (Cassiopéia)*

O contraponto apresentado por Cassiopéia sinaliza um avanço no tratamento destinado a essa população. Longe de ser o ideal, ainda assim é um indicativo de que há profissionais da saúde que estão buscando acompanhar as mudanças acerca das diversidades sexuais como a questão de identidade de gênero. Percebemos que os esforços para o melhor atendimento dessa população, ainda que timidamente, resultam em avanços no cuidado em saúde.

#### **4.3.2 Percepção sobre a segurança pública**

A segurança pública, institucionalmente falando, é insuficiente sob vários parâmetros, conforme podemos perceber nas falas das participantes. Há um misto de sentirem-se desprezadas por serem quem são, uma vez que os discursos que recebem trazem o alijamento, a marginalização do qual são vítimas por parte da autoridade policial, assim suportam um olhar de pouca importância à experiência de violência. Nas palavras de Virgo:

*Eles dizem: “ah, é veado, tava bem roubando!”. Não entram no negócio, porque é veado, não tem importância, não [...] às vezes, quando tem briga das bicha na rua, a gente vai falar com o policial, o policial fala: “ah, vocês que se entende”. (Virgo)*

Assim como acontece com os agentes de saúde, há também a descrença de que não serão atendidas em suas necessidades pelos agentes de segurança pública, bem como a certeza de “que não vai dar em nada” em virtude do burocratismo vigente.

*Aí, eu não fui a uma delegacia registrar boletim, porque eu vou perder meu tempo indo até lá... Eu vou além de perder meu tempo, eu vou tá me comprometendo com o negócio de uma justiça que é meio complicada, burocrática... não vai dá em nada [...] não vai dá em nada, porque não vão investigar, vão arquivar. A gente sabe que é isso na prática. A gente acaba sendo estatística. E a última coisa que eu quis, quando fui... Quando escolhi para mim ser trans ou acabou acontecendo isso, não sei, sobre o processo de transição... Eu jamais quis entrar em estatística. Não sou trans pra mim tá em estatística. Além de que eu sou trans mesmo. Não entrei pra tá em estatística de violência, de morte, de homicídio, essas coisas [...] pra delegado, veado é veado. Briga de veado é igual briga de puta, não tem a parte do humano, entendeu? O delegado é muito mais sádico na hora pra registrar teu boletim. Seja tu com teu agressor do lado ou não. (Pyxis)*

Porém há discursos mostrando que ocorreu uma modificação nessa postura, além de mostrar o auxílio prestado por autoridades policiais. Ainda assim, é preciso enfatizar que tais experiências não violentas são pontuais em meio a um vasto repertório de preconceito e falta de assistência.

*Ah, antigamente a polícia... a gente dava parte, ninguém punia pela gente não. Tu tava ali pedindo socorro, ninguém nem ligava não. Porque tu é desse jeito assim, travesti ou gay, tava nem aí... num ligavam não. Mas agora eles... a gente vai, eles “coiso”, vai atrás mesmo, é assim. Antigamente eles não tavam nem aí. “ah, é gay? Deixa matar, eu num to nem aí!”. A gente, nós somos ser humano, né, de carne e osso. (Hydra)*

*[Sobre ter confiança em policiais] Alguns sim, outros não, né. Outros fazem cumprir a lei, outros não. Outros são corruptos, né... prevalece o dinheiro, prevalece quem tem poder [...] Foi horrível. Eu tentei por minha razão, ele não quis nem ouvir. Ele não quis nem ouvir o meu lado, sendo que eu não estava errada. Eu apanhei... só faltei ir presa por causa do erro de uma outra pessoa [...] Mas já aconteceu, de eu precisar do policial, e... e o policial me ajudar. [...] Aconteceu, um cliente que queria sair comigo, eu não queria, e ele saiu do carro pra me bater, porque eu não queria sair com ele [...] ele tava bêbado, eu não quis sair com ele porque ele tava muito alterado [...] Ele desceu do carro com um taco de basebol pra bater em mim. Eu sai correndo, na hora passou um viatura, eu parei a viatura [...] Aí os policiais [...] me defenderam: “Não, você não pode tocar nela e não sei o quê”. Aí conversaram com ele até que ele foi embora. Mas acho que se o policial não tivesse passado na hora, eu acho que ele tinha me batido. (Andrômeda)*

Um dos aspectos presentes na área relacional do Dasein, diz respeito ao que Heidegger (2013) estabelece como um dos parâmetros no mundo humano que poderíamos denominar de inautenticidade, ou seja, o fato de que o outro machuca, o outro provoca dor, o outro imprime sofrimento.

Nessa perspectiva, profissionais das instituições de saúde e de segurança pública, ao receber, em vários momentos, as participantes deste estudo, implementaram uma relação deficitária para com elas. Constatamos que não ocorreu o respeito à diversidade, o respeito ao humano, o respeito ao que se propuseram a realizar enquanto esse nicho profissional que, em ambas instituições, preconiza em receber o outro de forma a acolhê-lo em sua dificuldade. E, dessa forma, as participantes sentiram-se desconfortáveis com o tratamento oferecido por alguns desses profissionais, corroborando para o afastamento de várias delas desses locais que, em não conseguindo acolher, as distanciaram, configurando dessa forma em uma atitude inautêntica.

Se de um lado, temos a incompreensão presente sob a forma de tomar atitudes discriminatórias; por outro lado, temos a atitude autêntica de profissionais de ambos sistemas públicos, exercendo e propiciando o exercício de cidadania e de liberdade de ser quem é, mantendo respeito e protegendo.

Contudo, ao observarmos os discursos das participantes, à maioria não foi permitida essa auto apropriação, uma vez que, no momento em que foram e se sentiram menosprezadas pelos profissionais, enclausuraram-se, afastaram-se, promoveram o que Heidegger (2012; 2013) denomina como o fechamento do Dasein, experienciando a impossibilidade do vínculo necessário a partir do não acolhimento. Portanto, profissionais com essa atitude, colocam-se na condição de sobrepor-se ao Outro, não percebendo esse outro como um ser-de-possibilidades e, conseqüentemente, mantendo seu *status quo*, caindo na impessoalidade.

#### **4.4 O ser-com-o-outro: as relações de cuidado**

Nesta quarta de última categoria, as entrevistadas trouxeram suas experiências e perspectivas a respeito do olhar da família, tendo nela ou um lugar seguro de apoio

ou um lugar de rejeição. Além disso, é apresentado também a compreensão que elas têm sobre o cuidado durante o trabalho de atividade sexual.

#### 4.4.1 Família, um olhar para dentro: o apoio fundamental e o não-apoio

Virgo compara a relação que tinha com os pais com o presente. Outrora sofria violência física, além de violência verbal do pai, bem como a indiferença da mãe, entretanto, hoje mantém um vínculo parental afetuosos.

*A mamãe, ela deixava passar despercebido, mas o papai, não. O papai sempre prestou atenção em mim. Entendeu? Aí, ele falava: “que jeito é esse?”. Aí, ele pegava o cinturão e me enchia de porrada [...] eu me assumi, cheguei pra minha mãe e falei. Aí, meu pai chorou e disse pra mim que preferia me ver morto do que me vê o que eu sou hoje em dia. Entendeu? Hoje em dia, não. Meu pai me dá é calcinha. Vai falar de mim perto dele pra ti vê. Graças a Deus, meu pai e minha mãe, me defendem com carne e unha e dente. Eles são por mim, meus pais. Mas tem muita das minhas amiga que falam que não tem o amor de pai, não tem o amor de mãe, não tem o carinho da família [...] Deus me abençoou tanto que eu tenho o carinho da minha família, mulher. Graças a Deus! (Virgo)*

Assim como Cassiopéia e Andrômeda que também tem em suas famílias uma rede incondicional de apoio e segurança. A família, então, pode exercer um papel fundamental de mediação com a sociedade.

*Minha cunhada, quando ela sai comigo, ela não tem vergonha. Ela me bota na cadeira de roda e anda comigo. No shopping, no médico, em tudo. Comprei minha roupa de natal e ano novo, ela foi comigo no shopping [...] Todos são legais comigo [os irmãos]. Eu sou a mais velha, né. Eu criei tudinho né, mana. Aí, dia desses eu passei mal, tiveram que me dar banho, me limpar. (Cassiopéia)*

*Minha família, em primeiro lugar minha família [...] Com a minha mãe e minha irmã. Elas duas, sempre que preciso elas me ajudam [...] Elas me aceitam numa boa. Desde quando me assumi com 15 anos, elas me aceitaram. Inclusive, minha mãe, ela compra até calcinha pra mim, ela: “Olha, comprei uma calcinha pra ti, um batom”. Minha mãe me aceita de uma tal forma... (Andrômeda)*



Outra realidade trazida pelas participantes é a não-aceitação parental, fragilizando e tornando vulnerável suas redes de apoio, além de trazer mais sofrimento, violência e exclusão. Nas falas de Pyxis e Hydra:

*Mesmo eu sendo trans, eu vou seguir a minha vida e não vou mudar porque alguém da minha família não me aceita. Por exemplo, meu genitor não me aceita, minha genitora não me aceita. (Pyxis)*

*Tem a família da gente assim, não gosta da gente, que a gente já tem esse jeito assim, né mana. Vou te falar uma coisa, eu moro aqui sozinha. Minha família agora nem liga mais por mim. [...] Então, o que aconteceu comigo, não sei porque, agora me desprezaram. Não aparece um, não aparece uma, eu fico desse jeito. (Hydra)*

#### **4.4.2 O autocuidado: minha vida, minha responsabilidade**

As participantes, ao expressarem sua percepção sobre cuidado com a saúde durante a atividade do trabalho sexual, acionam o preservativo como prática de cuidado de si ao exercerem essa atividade. Em seus relatos, trouxeram a todo instante os sentimentos que atravessam a experiência de quem está na rua e suas negociações atravessadas pelas ambivalências entre sexo seguro, risco e desejo.

A *camisinha* foi um termo que atravessou todas as falas das interlocutoras da pesquisa, percebida como a *principal* forma de prevenção de HIV e IST, além de notarmos que as falas de Pyxis, Andrômeda e Hydra são atravessadas pelo discurso oficial das políticas de prevenção – a noção de Prevenção Combinada (BRASIL, 2017): testagem do HIV e uso do preservativo e gel lubrificante – conforme vemos a seguir:

*É, geralmente é assim, amiga. São pessoas que não tem rotina que a gente tem, de fazer exame, de fazer checkup, de fazer exame de fezes e urina, normal [...] Eu acho que a principal é a camisinha [...] Até porque, a gente que tá na rua e tá acostumada lidar com prostituição sabe que tem que usar uma camisinha, tem que fazer exame [...]*  
**(Pyxis)**

*Ah, ultimamente eu to cuidando bastante, que a minha mãe é enfermeira, ela vive marcando exame pra mim, eu vivo fazendo. Antes, quando eu era mais nova, eu não queria saber nada de saúde. Quando*

*ela falava: “marquei um exame”. Eu saia correndo. Eu sempre evitava o máximo que eu pudesse, hoje em dia não... eu que busco, quero fazer exame disso, daquilo. Eu me cuido mais agora, eu me cuido bastante. (Andrômeda)*

*Ah, eu cuido assim... quando eu vou sair tenho que colocar as coisa dentro da minha bolsa, camisinha, aqueles cremezinho, tudo isso eu pego no posto sabe, não fico sem usar. Pra não pegar esses tipos de doenças, que é perigosa, num é? (Hydra)*

As ambiguidades presentes nas percepções das participantes se confirmam por meio de uma desconfiança da tecnologia de prevenção quando se referem ao uso da Profilaxia Pós Exposição (PEP) após a relação sexual quando o cliente solicita a abdicação do preservativo. Começamos a identificar descrenças frente as políticas oficiais de prevenção, como no caso de Virgo, que, apesar de reconhecer os avanços dessas políticas, denota desconfiança em sua eficácia.

*Tem uns clientes que gosta sem camisinha [...] Aí, eu digo, “ah menino, tu vai me pagar mais?”. Aí, ele vai abrindo a carteira e vai dando, e vai dando, e vai dando, e vai dando. Muitas das vezes, eu não faço, pego só o dinheiro e (barulho de palma) caio fora, mas... às vezes, a sensação tá gostosa, e a carne é fraca, nós somos humanos e o bofe é gostosinho, tem uma p\* gostosa... E a garota vai na fraca, né? (risos) às vezes, às vezes... Não são todos. São contados nos dedos. Mas, às vezes a tentação vem como tô falando pra vocês e depois que termina tudo, eu entro num mundo totalmente “uó”. Desprezível. Por que eu fiz aquilo? [...] [Sobre o sexo sem preservativo] Aí, a gata louca por médico, querida. Louca ‘pro’ hospital, porque, eu não sei se vocês sabem, mas tem o “depre” agora. Tem uma “piulazinha” que eles inventaram agora, que a tecnologia tá cada dia mais avançada, né, mulher? Aí, agora tem uma piulazinha, que se você transar, que no caso, se você transou hoje, amanhã você comparece lá no hospital, que eles te dão essa “piúla” [...] Diz que elimina, mas eu não confio muito, não. (Virgo)*

É possível percebermos que um dos principais desafios relatados por algumas das participantes se dá quando os clientes não querem que o programa seja feito com o uso de preservativo. Nesse contexto, identificamos nas falas de Virgo e Cassiopéia como funciona a prática de negociação, quando é solicitado que a atividade de trabalho sexual seja realizada sem alguma barreira preventiva, seja oral e/ou anal receptivo ou insertivo.

*Tem clientes que gosta sem camisinha [...] Aí, eu digo, “ah menino, tu vai me pagar mais?”. Aí, ele vai abrindo a carteira e vai dando, e vai dando, e vai dando, e vai dando. (Virgo)*

*Era no oral também, no oral. Mas tinha muito cliente que não queria, queria sem [...] Às vezes, chegava lá e o pau ‘tava’ sujo, e queria porque queria que fizesse. Era horrível porque até o carro ficava fedendo quando ele tirava [...] Aí, quando esfolava, mana, ‘tava’ só aquele queijo (risos) [...] Mas a maioria queria sem mesmo [...] eles ofereciam se a gente tivesse coragem de chupar do jeito que tava. Eles davam mais, mas eu dispensava, que além de ficar com mal hálito, podia pegar uma doença na garganta, como uma amiga minha pegou, né? (Cassiopéia)*

Cassiopéia também narra o período de uso e abuso de drogas após o falecimento de sua mãe. Sua rede apoio foi acionada, dessa forma contou com a ajuda de amigas que souberam da situação em que ela se encontrava naquele momento e a trouxeram de volta para Manaus a fim de dar o amparo de que precisava.

*Eu comecei a usar crack. Foi. Aí foi a minha decadência. Entrei em depressão porque a minha mãe faleceu, entendeu? [...] eu fazia programa ‘pra’ ajudar minha família, né. Na época, meus irmãos eram todos pequenos. Eu era o mais velho. Aí, ela também fazia programa, né. Aí, eu não queria que ela fizesse mais, eu comecei a fazer. Entendeu? Aí, eu comecei a fazer e depois que eu comecei a fazer, eu não queria mais que ela fosse ‘pra’ rua, né. [...] deu depressão, né. Aí nisso, você sabe, né... a gente ‘tá’ assim na rua, na noite, é... o que mais aparece é gente ‘pra’ te oferecer droga, quando você não usa. Aí, eu comecei a usar, né. Comecei a cheirar, cheirar, cheirar, cheirar. Aí, da cocaína já fui ‘pro’ crack, daí me decaí mesmo. Aí, ninguém queria mais me aceitar ‘pra’ morar, porque eu já tinha virado viciada, né. Aí, já não tomava mais banho, não me vestia mais bem [...] aí... uma amiga daqui de Manaus me viu lá, né. Aí, comentou com uma amiga minha que tava na Europa, daí ela mandou um dinheiro, dólar eu acho. Trocaram em reais e compraram minha passagem pra vir pra cá. E é onde eu vim embora. Aí eu vim pra Manaus [...] Até ano passado ainda ‘tava’ cheirando [...] Aí eu tive que parar mesmo, viu. Porque assim, quando eu bebia, eu cheirava, quando eu cheirava, eu bebia. Aí, pra mim não fazer nem um e nem outro, eu tive parar. Se eu não parasse, eu ia ter um infarto. Como o coração ‘ta’ grande e o pulmão também. Não tem como mais. Deu coração grande, deu uma série de problemas que eu tinha, devido a droga, né... devido bebida. Apareceu várias doenças e eu tive que parar. (Cassiopéia)*

Adentrar a prostituição sendo mulher trans ou travesti é, dada a dimensão aí presente, vivenciar a esfera do Cuidado. É o Cuidado que sustenta e determina o nosso ser-no-mundo, a que Heidegger (2013) atribui outro conceito, ser-em, considerando que este termo significa morar, habitar, demorar-se e deter-se junto a. Nesta perspectiva, em sendo no mundo da prostituição quer dizer que essa presença, continuamente demora e se detém junto a esse mundo, inaugurando-o como o locus do próprio cuidar.

Mas, a que cuidado me refiro? Ao cuidado como modo de ser. Não designa um comportamento ou tipo de comportamento humano. Presentifica-se, como o modo de ser que se encontra atuante em todo e qualquer comportamento humano. Assim, como ressalta o filósofo alemão, em qualquer ação, reação, não-reação diante das situações que vivenciamos no cotidiano, estamos sempre, a cada momento, e sempre de novo, entregues ao cuidado (HEIDEGGER, 2013).

O ser é no mundo. Uma das características que Heidegger atribui ao termo mundo, diz respeito ao mundo próprio, o ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. É atribuído um significado às atitudes que permeiam o ser-travesti/trans-trabalhadora do sexo: É necessário cuidar de si mesma. Apesar de encontrarmos trabalhadoras sexuais que reproduzem o discurso oficial sobre a importância do uso do preservativo durante a realização da pesquisa, a fronteira entre o risco e o prazer torna-se borrada em alguns casos.

Podemos compreender ainda através da fala de Virgo que, apesar de existirem políticas públicas de prevenção e recorrer a ao sistema de saúde quando da relação de risco, pode existir uma percepção que se constitui em descrença em razão do modo de relação constituído.

Encontramos aqui um cuidado de ocupação, pois o processo estabelecido é de verticalização das políticas públicas que se propõe a controlar corpos e a prescrever práticas de sexualidade e gênero dessa população, sem o envolvimento do público-alvo, retirando delas a autenticidade de pensar sua própria forma de cuidado, invertendo-a de ser-no-mundo para um objetivo sem participação concreta. Desse modo, quando a política pública é implementada, há desconfiança do que está sendo proposto, pois aquilo não carrega sentido com seu mundo vivido em uma rede de sentidos histórica (HEIDEGGER, 2013).

Para além de desleixo ou ignorância – rótulos fáceis muitas vezes atribuídos àquelas que não seguem exatamente as normas propostas – há a necessidade de ser-com-o-outro, uma relação em que, independente das condições que nos fazem diferentes entre nós, estamos em igualdade, construindo em conjunto uma relação, especificamente nesse caso através do ser-erótico, onde se respeita a abertura de cada Dasein.

Como aproximá-las de práticas protetivas ao mesmo tempo que se respeite os sentidos construídos por elas do que é se cuidar? Diante de todos esses relatos, um ponto destaca-se como central: a relação humana como o maior dos cuidados. Heidegger (2013) considera que o Dasein muda, se transforma na relação com outras pessoas, por isso é ser-com. Na relação com outros Daseins eu posso me ver diferente do que sou, atualizando as possibilidades do ser.

Portanto, à medida que a família negligencia, violenta, expulsa, se dá a determinação ao fechamento da abertura, dirimindo-as de ser-com e isso as impossibilita de se atualizar. É com o outro que o Dasein se percebe, entre potencial e limite, e pode exercer o que se apresenta como possibilidade. Quando a família está ali para ser-com, há a atualização com o cuidado da pré-ocupação, estabelecendo relações autênticas que possibilitam ampliar o horizonte existencial e conseguir ver para além do que já é. Cuidar de si mesma é abrir-se a seu poder-ser mais próprio, é apropriar-se de seu caminhar, é o que reconduz ao cuidado com a existência.

*“Será que é tempo que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara  
Tão rara”*

*Lenine*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada esta pesquisa, posso afirmar que não sou mais a mesma quando do seu início. Ser uma mulher cis me concede privilégios da liberdade de ser-no-mundo em uma sociedade que me reconhece pela minha cisgeneridade. Parece ser algo trivial para quem está dentro desse padrão imposto por uma sociedade cisnormativa, no entanto, para as participantes desta pesquisa, ser-no-mundo é um ato pautado na coragem.

Relembro que propus como objetivo dessa pesquisa compreender a percepção do cuidado de travestis e mulheres transexuais na vivência da prostituição na cidade de Manaus. Em busca de alcançá-los, através das entrevistas com as participantes, mergulhei em vários mundos: o mundo das transgeneridades femininas, o mundo do trabalho da atividade sexual, o mundo de lutas para existir e ser. A partir disso, acredito que consegui alcançar o objetivo proposto. Para além do cuidado do senso comum, o cuidado fenomenológico se dá nas relações estabelecidas, assim pudemos ter um vislumbre de como estão pautadas as relações das entrevistadas com o mundo ao seu redor, com as outras pessoas e consigo mesmas.

Enfatizo novamente que o processo de existir de mulheres trans e travestis vai de encontro a modos de existência determinados pela cisnormatividade. A vivência do mundo e o poder-ser dessa população são afetados diretamente por visões determinantes baseadas em uma concepção binária de gênero, como se apenas esse modelo abarcasse toda a vivência do ser-aí.

Nos relatos é possível perceber que as participantes, para além de uma mera categoria identitária homogênea, possuem consciência das facticidades que se apresentam em suas vidas – identidade de gênero, orientação sexual, condições financeiras, estruturas institucionais de poder, momento histórico cultural etc. – e, a partir delas, escolhem construírem-se ação após ação.

Enquanto seres-no-mundo, suas existências estão sempre permeadas por uma gama de relações que facilitam ou dificultam sua própria abertura – o horizonte de possibilidades de escolha. Foi possível ampliar a compreensão sobre quais fatores pertencentes aos seus mundos de relações dificultam ou facilitam suas aberturas enquanto mulheres trans/travestis profissionais do sexo.

É preciso conceber novas formas de atendimento em saúde que sejam construídas junto com a população trans, saber como elas enxergam as políticas públicas e até que ponto são eficazes no que se propõem a fazer. Grupos focais, rodas de conversas e educação em pares podem ser caminhos para entender os conhecimentos adquiridos intracomunidade sempre considerando o mundo em que elas estão inseridas. No entanto, surge o desafio de não transformar esse modelo de construção de cuidado em saúde conjunta em uma estratégia de controle e culpabilização dessa população, principalmente das que atuam no trabalho sexual.

Além disso, pensar políticas públicas que não intervenham apenas quando a violência e o adoecimento já estejam instalados. Desse modo, é imprescindível conchamar para trazer família e comunidade para dentro das políticas públicas e instituições, pois aquelas – famílias e comunidade – podem desempenhar um importante papel de prevenção dos riscos e do adoecimento dessa população. Uma pré-ocupação que mantenha e fortaleça os vínculos afetivos, combativo contra o preconceito em todos os espaços para que não haja, por exemplo, evasão escolar, para que elas tenham confiança nas instituições e se sintam pertencentes a esses espaços, bem como serem ativas e participantes de sua própria história.

Finalizo este trabalho com o olhar ampliado e grata pela experiência de ser-com Virgo, ser-com Pyxis, ser-com Cassiopéia, ser-com Hydra e ser-com Andrômeda. Acredito que cabe a nós, enquanto sociedade, um engajamento ético-político contra todas as formas de preconceito, injustiça, violência e exclusão. Precisamos ser-com elas nessa luta. Nosso silêncio não pode ser cúmplice de uma estrutura que oprime e mata.

Portanto, longe de mim esgotar este tema, incito para que outras pesquisas sejam realizadas e, conforme a construção deste trabalho, refleti em algumas possibilidades de desdobramentos que não couberam nesta pesquisa: Resgate histórico das diferenças geracionais das trans e travestis profissionais do sexo; A percepção dos profissionais da saúde e segurança quanto a diversidade de gênero; As representações sociais de travestis e mulheres trans para população de Manaus.

Afinal, na atual circunstância social e política, pesquisar questões de gênero se torna imprescindível. É ser resistência.



## REFERÊNCIAS

ACHARÁN, J. T. O.; SOUSA, D. Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F. (Orgs.). **Fenomenologia e Práticas Clínicas**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2018**. 2019. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BAUER, G. R. *et al.* Intervenable factors associated with suicide risk in transgender persons: a respondent driven sampling study in Ontario, Canada. **BMC Public health**, v. 15, n. 525, 2015. Disponível em: <<http://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-015-1867-2>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 165-182, 2014. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/101>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 377 de 10 de fevereiro de 2011**. Acrescenta artigo ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal -, para dispor sobre o crime de contratação de serviços sexuais, e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=491833>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4211 de 12 de julho de 2012**. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4244 de 07 de outubro de 2004**. Institui a profissão de trabalhadores da sexualidade e dá outras providências. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=266197>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 98 de 19 de fevereiro de 2003**. Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=104691>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro 2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 01 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril 2016**. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, 2016. Disponível em: <[conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf](http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria no 1.820, de 13 de agosto de 2009**. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820\\_13\\_08\\_2009.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria no 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Redefine e amplia o Processo Transsexualizador no Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, 2013. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Profissionais do sexo**: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS. Série Manuais, nº 47. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-profissionais-do-sexo-sem-vergonha-garota-voce-tem-profissao-2002>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Prevenção Combinada do HIV/Bases conceituais**

**para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde.** Brasília: DF, 2017. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/prevencao-combinada-do-hiv-bases-conceituais-para-profissionais-trabalhadoresas-e-gestores> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho. Classificação Brasileira de Ocupações. 5198 **Profissionais do Sexo.** Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. Ação direta de inconstitucionalidade por omissão nº 26/DF. 13 junho 2019. Relator: Ministro Celso de Melo. Pesquisa de Jurisprudência. **Teses.** Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/tesesADO26.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. Ação direta de inconstitucionalidade nº 4275/DF. 01 março 2018. Relator: Ministro Marco Aurélio. Pesquisa de Jurisprudência. **Acórdãos.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=2691371>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 132/DF. 13 outubro 2011. Relator: Ministro Ayres Britto. Pesquisa de Jurisprudência. **Acórdãos.** Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico:** o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger. 2009. 182 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia e psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas da pesquisa. Curitiba: Appris, 2017.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia.** Petrópolis: Vozes, 2014.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (Orgs.). **Psicologia social:** o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 58-75.

CRUZ, E. F. Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 73-90, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2011000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000100007)>. Acesso em: 26 jan. 2018.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo: Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa, Edições 70: 1991.

DURIGAN, M; MINA, S. R. N. Sujeito, Identidade e Representação: entre o discurso oficial e a voz de profissionais do sexo e travestis. **Revista Guavira Letras**, n. 4, p. 57-76, 2007. Disponível em: <<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/124/103>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EUFRÁSIO, W. N. **A travesti pinta o rosto para viver?** As vivências das trabalhadoras do sexo na cidade de Manaus. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5886>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. **Situações Clínicas I**: análise fenomenológica de discursos clínicos. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

FERREIRA, B. O. *et al.* Vivências de travestis no acesso ao SUS. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1023-1038, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312017000400009>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GIORGI, A.; SOUZA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa, Portugal: Fim do Século, 2010.

GOMES, B. M. C.; ALMEIDA, P. V. T.; SILVA, I. R. **Aspectos psicopolíticos das mulheres profissionais do sexo da Cidade de Manaus**. 2016. 36 f. Relatório de Pesquisa (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) – Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, Manaus, 2016. Disponível em <<http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/5382>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

HARTMANN, J. M. **Transições e resistências**: empregabilidade de mulheres trans e travestis em Florianópolis. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política)

– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180448>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

HEIDEGGER, M. **Cartas sobre o humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ontologia: hermenêutica da facticidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HOLANDA, A. F. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínia Editora, 2014.

JESUS, J. G. **Homofobia: identificar e prevenir**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

\_\_\_\_\_. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)>. Acesso em: 16 fev. 2018.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LIMA, F. S. S. *et al.* Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, e00157815, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00157815>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MOSCHETA, M. S.; FEBOLE, D. S.; ANZOLIN, B. Visibilidade seletiva: a influência da heterossexualidade compulsória nos cuidados em saúde de homens gays e mulheres lésbicas e bissexuais. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 71-83, 2016. Disponível em <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/download/4318/4649>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

PASSOS, A. D. C.; FIGUEIREDO, J. F. C. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto (SP), Brasil. **Rev. Panam Salud Publica**, v. 16, n. 2, p. 95–101, 2004. Disponível em <<https://scielosp.org/article/rpsp/2004.v16n2/95-101/pt/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A. F. **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2011.

PELÚCIO, L. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS**. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

PERES, W. Travestis Brasileiras: Construindo Identidades Cidadãs. In: GROSSI *et al.* (org.). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005, p. 53-68.

PETRY, A. R. MEYER, D.E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/7375/643>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

PINTO, T. P. *et al.* Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, e00113316, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00113316>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

REIS, T. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, 2009. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802009000100009>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

SABATINE, T. T. **Travestis, territórios e prevenção de AIDS numa cidade do interior de São Paulo**. 2012. 209 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista. Marília, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/88804>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SAMPAIO, J. V.; GERMANO, I. M. P. “Tudo é sempre de muito!”: produção de saúde entre travestis e transexuais. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 453-472, 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p453>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SENA, A. G. N.; SOUTO, K. M. B.; PASSOS, J. E. F. Marcos legais do processo transexualizador no SUS para a publicação da Portaria nº 2.803/13. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília, 2015. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872010000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100010)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

SILVA, G. W. S. **Existências dissidentes e apagamentos**: fatores associados à ideação suicida em pessoas transgênero. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde. Natal, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22608>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SILVA, L. A. V. Prazer sem camisinha: novos posicionamentos em redes de interação online. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 35, p. 241-277, 2010. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200009>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SILVA, L. K. M. *et al.* Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 835-846, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312017000300023>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SIMPSON, K. S. Transexualidade e travestilidade na Saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília, 2015.

Disponível em:  
<[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2018.

TOURINHO, C. D. C. A fenomenologia transcendental de Husserl: Notas sobre a história do pensamento fenomenológico. In: BICUDO, M. A. V.; TOURINHO, C. D. C. **Fenomenologia influxos e dissidências**: A tradição fenomenológico-existencial na filosofia contemporânea. Rio de Janeiro: Booklink, 2011.

TRANSGENDER EUROPE. **Informe anual del TMM 2016**. 2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg: Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas. Serie de Publicaciones TvT, v.15, 2019. Disponível em: <[https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2018\\_Namelist\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT_TMM_TDoR2018_Namelist_EN.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

VERGUEIRO, V. S. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 224 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The 11th Revision of the International Classification of Diseases**, 2019. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/411470068>>. Acesso em: 20 jul. 2019.



## **ANEXOS**

## ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **O CUIDADO COM O SER EM SI-MESMO: O DISCURSO DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS VIVENCIANDO A PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE MANAUS-AM**, sob a responsabilidade de **Hellen Yuki Costa Miwa**, aluna do Programa de **Pós-Graduação Lato-Sensu em Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos** da Universidade do Estado do Amazonas, instituição situada na Avenida Carvalho Leal, nº 1693, bairro Cachoeirinha, Manaus-AM. Telefone para contato: 92 – 99944-2425; e-mail [hellenmiwa@hotmail.com](mailto:hellenmiwa@hotmail.com); e pelo endereço Rua Misushiro, 154. Parque 10, e orientada pelo prof. Msc. André Luiz Machado das Neves, e-mail institucional: [almachado@uea.edu.br](mailto:almachado@uea.edu.br). A pesquisa tem como objetivo geral compreender a percepção do cuidado na vivência da prostituição de travestis e mulheres transexuais na cidade de Manaus.

Sua participação é voluntária e vai se dar por meio de consentimento da participação de mulheres transexuais ou travestis profissionais do sexo atuando na cidade de Manaus-AM baseada no objetivo supracitado. Nesse momento, será usado um gravador de voz para registrar a participação na pesquisa, contudo, não há pesquisas envolvendo seres humanos com risco zero. Em caso de ocorrência como, por exemplo, a incitação de conflitos intrapsíquicos causados pela mobilização emocional durante o evento, comprometo-me em minimizá-los oferecendo suporte psicológico e, se necessário, encaminhar para acompanhamento psicológico a uma das clínicas-escolas de Psicologia da cidade de Manaus. Ressalto, que sua participação não apresenta riscos de causar danos à sua integridade física, ideológica e profissional. Assumo o compromisso de manter o sigilo e a resguardar a sua identidade e opinião. O nosso compromisso de manter o sigilo, ajuda a resguardar as identidades e opiniões das entrevistadas, protegendo ainda mais as participantes da pesquisa. Benefícios: o benefício da colaboração com a investigação reside em ter à disposição a escuta psicoterápica e conseqüentemente a perspectiva de uma maior compreensão de si mesma ao contar sua própria história, além de contribuir para o desenvolvimento de projetos correlatos na área da saúde a partir da percepção que se tem do cuidado ao vivenciar a prostituição e qual olhar lança para suas experiências.

Mesmo depois de consentir sua participação, você pode desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Ao aceitar participar, você assinará duas vias deste Termo de Consentimento, sendo que uma ficará consigo e a outra será entregue à pesquisadora.

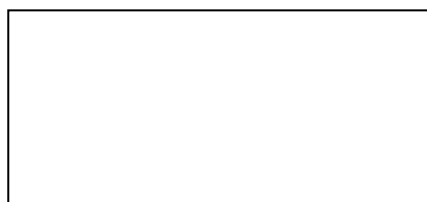
O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) situa-se na Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas, situado na Avenida Carvalho Leal, nº 1693, bairro Cachoeirinha, Manaus-AM, telefone 3878-4368, e-mail [cep.uea@gmail.com](mailto:cep.uea@gmail.com).

---

Assinatura da(o)entrevistada(o)

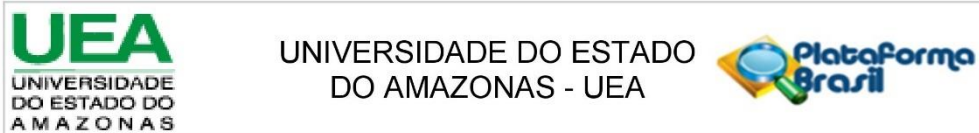
---

Assinatura do pesquisador responsável



Assinatura da entrevistada

## ANEXO II - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O cuidado com o ser em si-mesmo: o discurso de travestis e mulheres transexuais vivenciando a prostituição na cidade de Manaus-AM

**Pesquisador:** HELLEN YUKI COSTA MIWA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 02415118.6.0000.5016

**Instituição Proponente:** Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.068.470

#### Apresentação do Projeto:

**TÍTULO:** O cuidado com o ser em si-mesmo: o discurso de travestis e mulheres transexuais vivenciando a prostituição na cidade de Manaus-AM

#### 1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

**Data de Submissão:** 30/10/2018

**Natureza do projeto:** Projeto de Pesquisa solicitado para obtenção de título de Especialista em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos pela Universidade do Estado do Amazonas

**Equipe:** HELLEN YUKI COSTA MIWA

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

**Versão:** 1

**População:** 05 (cinco) mulheres transexuais

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777  
**Bairro:** chapada **CEP:** 69.050-030  
**UF:** AM **Município:** MANAUS  
**Telefone:** (92)3878-4368 **Fax:** (92)3878-4368 **E-mail:** cep.uea@gmail.com

**Resumo:**

Travestis e mulheres transexuais sofrem constantes violências, sendo estigmatizadas e marginalizadas da sociedade por subverterem os padrões de papéis de gênero. Quando estas estão no contexto da prostituição, o debate mantém-se periférico nas discussões, principalmente na esfera das políticas públicas. Desse modo, a presente pesquisa mostra-se relevante nessa temática devido a exiguidade de referencial teórico e a lacuna de conhecimento no cenário da região norte do Brasil. Portanto, este projeto tem por objetivo compreender a percepção do cuidado de travestis e mulheres transexuais na vivência da prostituição na cidade de Manaus/AM. A pesquisa será de caráter qualitativo e utilizará os parâmetros do método fenomenológico da pesquisa em psicologia. A obtenção dos dados será feita através da entrevista fenomenológica semi-estruturada áudio gravada que posteriormente será transcrita e analisada. A entrevista partirá de questão norteadora com possíveis desdobramentos para identificar os sentidos e significados nos discursos. Serão consideradas participantes 05 (cinco) mulheres transexuais ou travestis profissionais do sexo atuando na cidade de Manaus/AM e a análise dos dados será a partir do referencial teórico do filósofo alemão Martin Heidegger. Espera-se, ao final dessa pesquisa, que os resultados possam servir como subsídios para elaboração de políticas públicas relacionadas à saúde dessa população.

**Objetivo da Pesquisa:**

**OBEJTIVO GERAL:**

Compreender a percepção do cuidado de travestis e mulheres transexuais na vivência da prostituição na cidade de Manaus à luz da Fenomenologia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS:**

Entendo os riscos existentes na pesquisa pelo fato de ela estar ligada a possibilidades de lembranças de vivências dolorosas, o que pode mobilizar conteúdos que acarretem em dor e sofrimento às participantes. Caso esta situação venha a ocorrer, responsabilizo-me em realizar o acolhimento e encaminhar a participante para acompanhamento psicológico em uma das clínicas-escolas de Psicologia da

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.068.470

cidade de Manaus. A duração de cada sessão do atendimento psicológico é em torno de 50 minutos e a pesquisadora conciliará com a participante o período do acompanhamento pelo tempo que for necessário, o que geralmente ocorre em vinte sessões.

#### BENEFÍCIOS

A pesquisa tem determinante papel científico/social, buscando através de diversos estudos desenvolvimento, novas descobertas, mudanças, ampliação de conhecimento, transformações, e acima de tudo: promover bem-estar para a população e a própria evolução da ciência. Como pesquisadora, há em mim uma demanda para compreender quem são essas pessoas, a partir da percepção que elas têm do cuidado vivenciando a prostituição e qual olhar lançam para suas experiências, objetivando desenvolver projetos correlatos na área da saúde. Enquanto benefício para a participante cumpre salientar que esta terá a disposição a escuta psicoterápica e conseqüentemente a perspectiva de uma maior compreensão de si mesma ao contar sua própria história.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

##### MÉTODO

Conforme mencionei anteriormente, utilizarei a pesquisa qualitativa através do método fenomenológico pelo fato de acreditar este ser o melhor meio para a compreensão da percepção do cuidado de travestis e mulheres transexuais na vivência da prostituição.

Assim, através o conhecimento narrativo, como apontam Giorgi e Souza (2010), estaria este direcionado para as vicissitudes das intenções humanas. As provas empíricas e as verdades universais são o foco do conhecimento paradigmático, o narrativo, no entanto, se direciona para os meios da verossimilhança e do sentido da vida humana. Dessa maneira, não está lançado no sentido da verdade empírica, da relação causa e efeito, na promoção da dicotomia sujeito/objeto, mente/corpo, mas na interdependência destas. É a partir dos estados intencionais do sujeito e sua experiência que o significado da existência humana é construído, firmados em sistemas simbólicos da cultura que desenvolvem processos de interpretação da vida cotidiana.

##### Coleta de Dados

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.068.470

A coleta de dados será feita através da entrevista fenomenológica. Por intermédio dela, o objetivo é obter das participantes descrições detalhadas e concretas de suas experiências. Procurarei me certificar o quão adequado serão as descrições para que a partir delas possa ser possível estabelecer diferentes estruturas de significados de caráter psicológico sobre o tema da pesquisa (GIORGI; SOUZA, 2010).

Dessa forma, os autores mencionados ressaltam a importância de o relato dos participantes ser específico e concreto tanto quanto possível, não tanto ou apenas com racionalização no discurso, mas conseguir captar a subjetividade constituída na experiência da vida cotidiana.

#### A Entrevista Fenomenológica

O propósito da entrevista de caráter qualitativo, de acordo com Acharán e Sousa (2014), é alcançar descrições do mundo experiencial, do mundo da vida do entrevistado e suas explicitações de significados sobre os fenômenos descritos, isto é, no âmbito da investigação fenomenológica, busca-se tão completa quanto possível a descrição das experiências vivenciadas pelos participantes acerca de um determinado fenômeno de estudo.

Assim, nesta pesquisa, a proposta é realizar as entrevistas áudio gravadas com as participantes, transcrevê-las minuciosamente para enfim fazer a análise de dados de acordo com o método fenomenológico de pesquisa.

#### Participantes

Serão consideradas participantes da pesquisa 05 (cinco) mulheres transexuais ou travestis profissionais do sexo atuando na cidade de Manaus-AM.

#### Local da Pesquisa

As entrevistas serão realizadas na Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado do Amazonas – Assotram conforme anuência da instituição.

#### Procedimentos

O caminho que será traçado para obter as entrevistas deverá observar os seguintes critérios:

- a) Apresentar às possíveis participantes o objetivo da pesquisa, mantendo um clima de respeito mútuo;
- b) Esclarecer que será realizada uma entrevista áudio gravada cujo tempo de execução pode ser em torno de uma hora de duração;

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.068.470

- c) Solicitar o consentimento das possíveis participantes no sentido de concordar em participar voluntariamente da pesquisa;
- d) Solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às que se disponibilizarem a participar voluntariamente da pesquisa.

Assim a entrevista será áudio-gravada e para iniciá-la será feita uma pergunta norteadora que poderá apresentar possíveis desdobramentos: Como você cuida da sua saúde sendo travesti (ou mulher trans) profissional do sexo?

**Crítérios de Inclusão**

Deverão ser considerados critérios de inclusão: a) Ser brasileira e maior de 18 anos independente da raça, cor, credo; b) Se autoidentificar mulher transexual ou travesti; c) Ser profissional do sexo na cidade de Manaus-AM; d) Aceitar participar voluntariamente de pesquisa; e) Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

**Crítérios de Exclusão**

Serão considerados critérios de exclusão: a) Apresentar quaisquer problemas cognitivos que interfiram na compreensão da pesquisa; b) Exibir estado de embriaguez ou entorpecimento no momento da entrevista.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

FOLHA DE ROSTO: assinada pelo pesquisador e diretor da Escola Superior de Ciências da Saúde- ESA / UEA- ADEQUADA;

TCLE: ADEQUADO

ORÇAMENTO/ FINANCIAMENTO: ADEQUADO (financiamento próprio)

CRONOGRAMA: ADEQUADO

CARTA DE ANUÊNCIA: ADEQUADO

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.068.470

INSTRUMENTO: PRESENTE NO CORPO DO PROJETO

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências éticas no referido projeto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1241626.pdf	30/10/2018 14:19:27		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa_Hellen.docx	30/10/2018 14:17:45	HELLEN YUKI COSTA MIWA	Aceito
Outros	Entrevista.docx	30/10/2018 14:17:11	HELLEN YUKI COSTA MIWA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermoDeAnuencia.pdf	30/10/2018 14:16:45	HELLEN YUKI COSTA MIWA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	30/10/2018 14:16:08	HELLEN YUKI COSTA MIWA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	30/10/2018 13:52:15	HELLEN YUKI COSTA MIWA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 10 de Dezembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**DOMINGOS SÁVIO NUNES DE LIMA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com





UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 3.068.470

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com

Página 07 de 07

